

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Margarida Torres da Silva

Linguagem formal em situações orais



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Margarida Torres da Silva

Linguagem formal em situações orais

Relatório de Investigação
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do
1º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Íris Pereira

Maio de 2012

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha supervisora, Professora Doutora Íris Pereira, pela sua disponibilidade, apoio e ajuda sempre que necessitei. Contribuiu imenso para a minha formação pessoal e profissional.

À Educadora Maria João Seixas e à Professora Helena Vilas Boas, por me receberem como estagiária ajudando-me imenso no meu progresso como futura profissional, ajudando-me sempre que necessitei.

A todas as crianças do mundo, em especial aos “meus meninos” das turmas onde realizei as minhas práticas profissionais.

À minha colega Fátima Fonseca, com quem partilhei, trabalhei e cooperei no decorrer das minhas práticas profissionais.

Aos meus pais, irmão, namorado, afilhado, tios e tias, primos e primas, etc... mas em especial ao Ti Tó... Por estarem sempre do meu lado e por todo o amor, apoio, ajuda, motivação, compreensão, que necessitei neste percurso...

A todos o meu muito obrigada...

LINGUAGEM FORMAL EM SITUAÇÕES ORAIS

Margarida Torres da Silva
Relatório de Investigação de Mestrado
Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico
Universidade do Minho – 2012

RESUMO

O presente estudo, levado a cabo pela estagiária investigadora em 2011/2012 com uma turma de ensino do 4.º ano de escolaridade, foi desenvolvido no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo, lecionado na Universidade do Minho.

Visou a promoção da linguagem formal em situações orais, procurando atender às necessidades e interesses dos alunos, conciliando-as com as exigências do sistema educativo (programas escolares) e projetos educativos em decurso na turma. Os objetivos de estudo foram: (1) promover a aprendizagem consciente de dois géneros textuais implicados nas competências específicas da compreensão e da expressão oral formal, nomeadamente o da entrevista e o da reportagem; (2) identificar o impacto das estratégias pedagógicas no alargamento das competências linguísticas dos alunos; (3) identificar o impacto das estratégias pedagógicas na consciencialização dos alunos acerca dos géneros linguísticos estudados.

Tratou-se de um estudo enquadrado na metodologia de investigação-ação, com recurso a estratégias de recolha de informação predominantemente qualitativas e com uma função simultaneamente pedagógica e investigativa: textos escritos, aprendizagens dos alunos, análise de dados de interação pedagógica (vídeo gravados e transcritos) e diário reflexivo da estagiária.

A avaliação dos dados recolhidos permitiu concluir que a experiência despertou os alunos para uma maior consciencialização acerca da temática em estudo e desenvolveu a sua capacidade de aprender a aprender. Ao assumirem um papel ativo nas suas aprendizagens, os alunos tornam-se capazes de construir o seu próprio conhecimento, num processo coletivo que alterou significativamente os modos de aprender e ensinar a língua.

FORMAL LANGUAGE IN ORAL SITUATIONS

Margarida Torres da Silva
Master's Research Report
Master in Pre-School and Grade School Education
University of Minho – 2012

ABSTRACT

The present study was elaborated by a pre-service teacher in 2011/2012 with a fourth grade class. It was developed in the practicum component of the *Master in Pre-School Education and Teaching in Basic Education*, taught in University of Minho.

The study was developed as action research, with a simultaneous pedagogical and investigative function. It aimed to promote the use of formal language in oral situations, seeking to meet the needs and interests of students, combining them with the formal requirements (mostly school programs) and educational projects in progress in the class. The goals were: (1) to promote the learning of two different textual genres involved in formal oral comprehension and expression, namely the interview and the oral report; (2) to identify the impact of the teaching strategies on the growth of the students' language skills; (3) to identify the impact of the teaching strategies on students' awareness about the linguistic genres studied. It was developed as a didactic sequence (designed to help students' learn how to prepare an interview), a writing cycle (planned to help students' learn how to produce an oral report), and a self-evaluation questionnaire (prepared to help students think about their learning and how they learned). Qualitative and quantitative data were collected, using data collecting techniques such as: texts written and orally produced by children, questionnaires, pedagogical interaction (recorded and transcribed) and the teachers' reflexive journal.

The analysis of the data revealed that the pedagogical experience promoted students' learning, helping them to develop knowledge and awareness about the topics that were studied, besides developing their ability to learn how to learn by doing so.

The teacher ends up reflecting about the relevance of this experience in her own professional learning.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	lii
RESUMO	lv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	vi
Índice de esquemas	viii
Índice de tabelas	viii
Índice de figuras	viii
1.INTRODUÇÃO	1
2.CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO	2
2.1.Caraterização do Contexto	2
2.1.1.A Escola	2
2.1.2.A turma	2
2.2.Questão de Intervenção Pedagógica	3
3.ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE SUPORTE	6
3.1. O que ensinar na aula de língua? À procura do entendimento do lugar dos géneros linguísticos <i>entrevista e reportagem</i>	6
3.2. Como ensinar língua? À procura do entendimento do modo de construção pedagógica da aprendizagem dos géneros linguísticos <i>entrevista e reportagem</i>	10
3.3. Para quê ensinar língua? À procura do entendimento da finalidade da aprendizagem dos géneros linguísticos <i>entrevista e reportagem</i>	14
4.PLANO GERAL DE INTERVENÇÃO	16
4.1.Procedimento metodológico	16
4.2.Plano de Intervenção	18
4.3.Objetivos	20
5.DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	22

5.1. Primeiro momento de intervenção: Preparação do guião da entrevista	22
5.2. Segundo momento de intervenção: Segunda versão da entrevista	27
5.3. Terceiro momento de intervenção: Terceira versão da entrevista - última	30
5.4. Quarto momento de intervenção: Realização da entrevista - visita ao Lar de Idosos	37
5.5. Quinto momento de intervenção: Visualização e transcrição das entrevistas	41
5.6. Sexto momento de intervenção: Iniciação do ciclo de escrita: a planificação- a estrutura de uma reportagem	42
5.7. Sétimo momento de intervenção: Continuação do ciclo de escrita: a identificação e seleção de dados mais relevantes das entrevistas, terminando a planificação, e a realização da textualização	48
5.8. Oitavo momento de intervenção: Conclusão do ciclo de escrita: construção do texto integral da reportagem (junção dos textos	49
5.9. Último momento de intervenção: Autoavaliação das aprendizagens	51
6.CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	59
6.1.Reflexão acerca do processo investigativo	59
6.1.1. A aprendizagem do aluno	59
6.1.2. A aprendizagem do professor	63
6.2.Limitações e Recomendações	66
6.2.1.Limitações	66
6.2.2.Caminhos de intervenção futuros	67
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
8.ANEXOS	71
Anexo 1- Entrevistas (1ª versão)	71
Anexo 2- Entrevistas (2ª versão)	74
Anexo 3- Entrevista finais – Perguntas e respostas (transcrições- versão word)	76
Anexo 4- Textos para Reportagem	87
Anexo 5- Reportagem Final	89

ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 1- Representação da Sequência didática seguida	12
Esquema 2- Representação do Ciclo de escrita seguida	13
Esquema 3- <i>“Fases de Investigação-ação apresentada por kuhne, G. W., & Quigley, B. A. (1997). Fonte: Almeida (2005)”</i> (Fernandes, A. M. (2006)).	67

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Organização das estratégias de intervenção	19
Tabela 2- Organização das estratégias de investigação	20
Tabela 3- Estatística das respostas dadas por 12 alunos - o que aprendi – Entrevista	55
Tabela 4- Estatística das respostas dadas por 12 alunos - o que aprendi – Reportagem	55
Tabela 5- Estatística das respostas dadas por 12 alunos – Como aprendi?	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- “Brainstorming” – Lar de Idosos/ Como é constituído?	23
Figura 2- Entrevista à visitante - 1ª versão	25
Figura 3- “Brainstorming” – O que cada pessoa faz no Lar?	29
Figura 4- Entrevista à Visitante - 2ª versão	30
Figura 5- “Brainstorming”- Como deve ser elaborada uma entrevista?	31
Figura 6- “Brainstorming”- Que tipo de questões existem?	34
Figura 7- Exemplo de estratégias do grupo	34
Figura 8- Entrevista final escrita em papel seguindo os esquemas do Brainstorming	35
Figura 9- Exemplo de comentário- realizado a 15 de dezembro de 2011	40

Figura 10- Brainstorming Notícia - Reportagem - Entrevista	45
Figura 11- Brainstorming” - Como se faz uma Reportagem?	47
Figura 12- Exemplo de uma das histórias- realizada a 25 de janeiro de 2012	48
Figura 13- Ficha de autoavaliação pág. 1 e 2	51
Figura 14- Ficha de autoavaliação pág. 3	52
Figura 15- Exemplo de uma resposta	54
Figura 16- Exemplo da grelha de autoavaliação preenchida – Como aprendi...	54

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (doravante PES II), conducente ao grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, um mestrado de carácter profissionalizante e lecionado na Universidade do Minho.

A finalidade é a de dar a conhecer um processo de formação profissional sustentado numa investigação pedagógica supervisionada, realizada no âmbito da PES II, e que teve por objetivos desenvolver competências profissionais, compreender e problematizar práticas de ensino e aprendizagem e avaliar o impacto dessas práticas. Em conformidade, este relatório apresenta uma análise reflexiva da implementação do projeto de intervenção intitulado “Linguagem formal em situações orais”, com o qual pretendi promover a aprendizagem consciente de dois géneros textuais implicados nas competências específicas da compreensão e da expressão oral formal, nomeadamente o da *entrevista* e o da *reportagem*.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: (1) Introdução, na qual apresento o projeto de investigação e seus objetivos e a estrutura do relatório; (2) apresentação do contexto de intervenção e investigação (no qual constará a caracterização do contexto onde decorreu a PES II e a identificação da questão que suscitou a intervenção pedagógica); (3) o enquadramento teórico de suporte, em que sistematizo as referências que sustentaram a construção do projeto de intervenção; (4) o plano geral de intervenção, subdividido pela apresentação do procedimento metodológico, pelas estratégias de intervenção e pelos objetivos específicos do projeto de investigação; (5) o desenvolvimento e avaliação da intervenção (no qual relatei os momentos de intervenção, apresentei e analisei os dados recolhidos nesses momentos e a avaliei e interpretei esses mesmos resultados); (6) e as conclusões, limitações e recomendações (discussão geral do que apresentei no ponto anterior à luz dos objetivos e da finalidade do projeto).

2. CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO

2.1.Caraterização do Contexto

A minha Prática de Ensino Supervisionada II aqui relatada desenvolveu-se na Escola EB1/JI Paços de Alvelos em Barcelos, com uma turma do 4º ano de escolaridade, lecionada pela professora Helena Vilas Boas.

2.1.1.A Escola

A Escola EB1 Paços de Alvelos (Barcelos) tinha oito salas de aula. No primeiro piso existiam três salas de aula, uma sala reservada a biblioteca/sala de convívio dos professores e educadores, e outros compartimentos administrativos. No rés-do-chão, existiam quatro salas de aula, (duas do Jardim de Infância), quatro divisões para arrumos, quatro casas-de-banho (para meninos e meninas) e duas casas-de-banho para os professores/educadores. A escola tinha uma cantina externa ao recinto.

As salas de aula tinham uma boa iluminação natural, com cinco grandes janelas, cada uma. Cada sala tinha recuperadores de calor que tornavam muito agradável o meio ambiente nas salas.

2.1.2.A turma

A Turma oito do 4º ano de escolaridade é composta por dezassete alunos, nove do sexo feminino e oito do sexo masculino.

O grupo era bastante coeso, com atitudes e regras de comportamento salutar e muito responsável. A vontade de descrever as suas vivências fora da escola, de partilhar os seus conhecimentos acerca da sua família e de tudo o que as envolve era uma constante no dia-a-dia. O grupo era atento, curioso e interessado por novas aprendizagens e por tudo o que lhes era sugerido em contexto educativo. No entanto, verificava-se que a população escolar/turma era proveniente de meios sociofamiliares pouco estimulantes em termos educativos, ambientes em que a escrita e a leitura continuavam a não fazer parte do quotidiano, apresentando também uma oralidade muito informal.

2.2. Questão de Intervenção Pedagógica

Quando iniciei a PES deparei-me com uma turma que revelava uma oralidade muito pouco cuidada e muito marcada pelas características dialetais da região de Barcelos.

Inicialmente pensava em desenvolver um projeto no âmbito da oralidade do ponto de vista da fala/pronúncia local, incidindo na interferência deste fator dialetal na forma como os alunos escreviam. No entanto, com o decorrer da PES, esta ideia inicial alterou-se. No âmbito do desenvolvimento de um outro projeto, intitulado “Educar para a Cidadania”, que eu e a minha colega de estágio estávamos simultaneamente a implementar, surgiu a possibilidade de realizar uma visita de estudo a um Lar de Idosos com a finalidade de os alunos realizarem uma entrevista aos diferentes “cargos” que propiciam o bom funcionamento do Lar.

Assim, surgiu o projeto “Linguagem formal em situações orais”, que, com a anuência da professora titular de turma, me pareceu ser uma boa área de intervenção pedagógica a investir, pois, para além de ser um conteúdo integrante do programa escolar (que visa o desenvolvimento de capacidades linguísticas orais “especializadas” necessárias, entre outros, para a construção do percurso escolar futuro), proporcionaria uma aprendizagem aos alunos que nunca haviam realizado. Seria, portanto, de todo o interesse que os alunos desenvolvessem competências linguísticas considerando a existência de uma vertente oral formal, aprendendo a fazer outro tipo de “coisas” (isto é, aprendessem a construir textos) oralmente.

Desta forma, é pertinente citar Maria Helena Mateus e Esperança Cardeira (2007:27), quando dizem que:

“Aprender a falar a língua materna é-nos tão natural como aprender a andar mas para dominarmos um conjunto de regras (a norma) precisamos da escola”.

Esta afirmação fez-me pensar na importância que a escola tem na aprendizagem da norma oral da língua portuguesa devido à existência de uma variedade oral dialetal, já previamente dominada pelas crianças. Segundo as mesmas autoras,

“O Português que falamos e escrevemos, durante o período limitado da nossa vida, varia consoante a nossa idade, a região, o grupo social ou profissional a que pertencemos e, até, as circunstâncias em que comunicamos. Não escrevemos como falamos e falamos de forma diferente conforme as pessoas a que nos dirigimos. Quer isto dizer que a linguagem tem, em cada momento, variação.” (2007:20)

Desta forma, questioneei-me sobre **“Como promover o alargamento das competências linguísticas, orais formais, nos alunos?”** no sentido de os ajudar a conhecer a existência de outros géneros linguísticos usados em situações orais formais.

Para responder a esta questão apoiei-me em alguns documentos de apoio ao professor.

Como referi anteriormente, esta temática está presente no Currículo Nacional do Ensino Básico, na Organização Curricular e Programas e no Programa de Língua Portuguesa, situado no ensino do 1º ciclo- 3º e 4º ano de escolaridade, baseando-se essencialmente nas competências específicas da compreensão e expressão oral.

Na **Organização Curricular e Programas** (2004:137), na área da língua portuguesa tem como objetivos gerais que o aluno aprenda a, *“expressar-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objetivos diversificados; comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação e utilizar a língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de atividades (discussões, debates, leituras, notas, resumos, esquemas)”*. Ainda neste documento, no âmbito da **compreensão oral** do 4ºano de escolaridade os alunos devem aprender a *“comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza”* (2004:144)- (*“expressar-se por iniciativa própria”; “relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos”; “participar na elaboração oral de histórias, relatos, resumos”; “Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação”; e “regular a participação nas diferentes situações de comunicação”*); e *“desenvolver a capacidade de retenção da informação oral”* (2004:144 a 145)- (*“reter informações a partir de um enunciado oral”; “transpor enunciados orais para outras formas”; “verificar experimentalmente características da Língua oral”*). No âmbito do **funcionamento da Língua** (2004:158) os alunos devem aprender a *“descobrir aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso”* (distinguir diferentes tipos de texto (texto oral)).

Todo o percurso realizado pelos alunos teve por base os aspetos acima transcritos sustentando-se em diversas experiências de aprendizagem.

O **Currículo Nacional do Ensino Básico** (2001:31 e 32) apresenta como principais metas no âmbito do conhecimento da língua: *“compreender e produzir discursos orais formais e públicos”; “Interagir verbalmente de uma forma apropriada em situações formais e institucionais”; e “Explicitar aspetos fundamentais da estrutura e do uso da língua, através da apropriação de metodologias básicas de análise, e investir esse conhecimento na mobilização das estratégias apropriadas à compreensão oral e da escrita na monitorização da expressão oral e escrita.”*

Por sua vez, o **Programa de Português do Ensino Básico** (2009:23) estabelece, no âmbito da **compreensão oral**, que os alunos devem aprender a *“saber escutar, para organizar e reter informação (...) com algum grau de formalidade”*, e, no âmbito da **expressão oral**, a apresentar breves exposições sobre temas variados com algum grau de formalidade; e produzir breves discursos orais adequando o vocabulário.

Tendo isto em consideração, a elaboração e realização de uma entrevista e de uma reportagem ganhou mais força.

Com todos estes suportes/ enquadramento curricular, tentei promover um conjunto de atividades significativas para os alunos para que, no final do período de estágio, dar resposta à questão por mim levantada.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE SUPORTE

A temática do meu projeto, "Linguagem formal em situações orais", situa-se, na sua generalidade, no âmbito da Didática da Língua Portuguesa.

Este projeto de investigação é sustentado teoricamente em três eixos reflexivos centrais: o que ensinar? Como ensinar? E para quê ensinar?

3.1. O que ensinar na aula de língua? À procura do entendimento do lugar dos géneros linguísticos *entrevista e reportagem*

O meu tema de investigação centrou-se na dimensão oral da língua na forma como esta é e/ou deve ser retratada ao nível académico/escolar, pois como referi anteriormente, a língua oral dos alunos, no contexto apresentado, era pobre e pouco cuidada nas aulas.

Desta forma, passo a citar a fonte pela qual oriento e sistematizo o meu objeto de estudo:

*“Considero que o conhecimento da **linguagem especializada** constitui a principal dimensão **declarativa** do objeto em aprendizagem na aula de língua. Estou, efetivamente, a falar de **aprender linguagem**, mais propriamente de **aprender a linguagem problema, difícil, exigente, estranha**, usada na construção de significados especializados nos contextos que circulam no contexto escolar, e a assumir que a escola tem muito a fazer para ajudar as crianças a apropriar-se dessas **formas de linguagem que lhes são novas**, de modo a contribuir para o desenvolvimento linguístico e para a expansão do seu potencial de significação e consequente capitação para a construção de aprendizagens dos novos conteúdos que constituem o saber escolar (Pereira, 2008a,b)”* (Pereira, I. (2010:64)).

Segundo a mesma, demonstra o objetivo linguístico na escola, as razões dessa aprendizagem e qual a sua finalidade.

Como tive a oportunidade de observar, as crianças no dia-a-dia falam de forma fluente, sem preocupações ao nível linguístico, ou seja, não necessitam de “formalizar” a sua linguagem perante as situações vividas. Desta forma, surgem então os conceitos teóricos - a linguagem informal (adquirida e colocada em prática no dia a dia dos falantes) e a linguagem formal (adquirida e aplicada tendo em consideração um contexto formal), que são centrais neste trabalho.

Para comprovar o que referi anteriormente é pertinente relatar Camps que cita Montserrat e Santasusana, onde dizem que linguagem informal é:

“a linguagem oral que normalmente usam os alunos em suas relações pessoais e sociais é direta e espontânea. Esse uso informal da língua praticamente não tem de explicitar as relações entre os fatos, porque geralmente podem ser interpretadas graças ao contexto. Nessas situações informais, os alunos costumam ter um domínio considerável dos recursos linguísticos e pragmáticos e, portanto, conseguem, em geral, se comunicar com eficácia suficiente. (...) esses usos orais já os têm bastante incorporados. Mas, por outro lado, é necessário que os professores os considerem, porque são o ponto de partida para chegar a outros usos linguísticos mais elaborados, tanto orais como escritos.”
(Camps, A. (2006:145))

Tendo por base o que refere Montserrat e Santasusana, o meu principal objetivo era promover aprendizagens de géneros orais que ampliassem a capacidade oral destes alunos, sobretudo a nível formal, visto que os géneros informais já são dominados por eles. Assim sendo, era extremamente importante que os alunos desenvolvessem competências linguísticas orais em diferentes géneros utilizados em contexto formal.

Desta forma, a professora Eliane (2010) define:

- *Linguagem Formal: “...é aquela que os falantes usam quando não existe essa familiaridade, quando se dirigem aos superiores hierárquicos ou quando têm de falar para um público mais alargado ou desconhecido. É a linguagem que normalmente podemos observar nos discursos públicos, nas reuniões de trabalho, nas salas de aula, etc.”* (Eliane, 2010)

(<http://lpprofessoraeliane.blogspot.pt/2010/03/diferencas-entre-lingua-padrao.html>)

Tendo isto em consideração, é a escola e o professor que têm um papel fundamental na promoção de momentos em que os alunos possam formar estas aprendizagens, trabalhando em contexto sala de aula diferentes géneros linguísticos. Desta forma, entende-se por género linguístico como sendo:

“...tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não-literários. (...) Modalidades discursivas constituem as estruturas e as funções sociais (narrativas, discursivas, argumentativas) utilizadas como formas de organizar a linguagem. Dessa forma, podem ser considerados exemplos de géneros textuais: anúncios, convites, atas, avisos, (...), cartas, cartazes, comédias, contos de fadas, (...), ensaios, entrevistas, (...), histórias, instruções de uso, letras de música, leis, mensagens, notícias. São textos que circulam no mundo, que têm uma função específica, para um público específico e com

características próprias. Aliás, essas características peculiares de um gênero discursivo nos permitem abordar aspectos da textualidade, tais como coerência e coesão textuais, impessoalidade, técnicas de argumentação e outros aspectos pertinentes ao gênero em questão.” (http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAneros_de_textos)

Com que foi dito relativamente às formas de organizar a linguagem surge o meu projeto que tem por base os géneros linguísticos orais especializados a *entrevista* e a *reportagem*.

As pesquisas que realizei sobre o género **entrevista** permitiram-me identificar um conjunto de características centrais e que foram de muita relevância no desenho do meu projeto de intervenção.

A entrevista é vista “*como uma fonte de informações, (...), pois podemos criar condições para obtenção de dados mais fidedignos, e é tendo em mente os diferentes significados e sentidos emergentes em uma situação de entrevista, tanto para o entrevistado como para o entrevistador, que podemos caminhar para uma compreensão daquilo que está se revelando na situação de entrevista.*” (Szymansky H. (2008:18)).

Segundo Lakatos citado por Szymansky H., entrevista tem sido considerada como “*um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional*” que “*proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária.*” (Szymansky H. (2008:10)).

Com isto a autora releva a importância da entrevista como fonte de dados verdadeiros, dados esses para instruir- dar a conhecer a realidade. A entrevista surge assim como um género textual cuja conceção exige um processo de preparação/planificação intenso, em que se deve esclarecer. “*Antes da entrevista, deverá existir um guião da entrevista que irá servir de orientação ao entrevistador no decorrer da entrevista.*” (http://www.nescolas.dn.pt/index.php?a=kitmedia&p=2_12)

Existe também o momento onde o entrevistador pode e se achar necessário, deve improvisar, ou seja, “*Quando se trata de um discurso oral a ser produzido na presença física do interlocutor, é possível ao produtor planejar ao mesmo tempo em que produz, já que ele poderá presenciar as reações imediatas de seus interlocutores e, em decorrência delas, reajustar seu discurso, esclarecendo, explicando, exemplificando, reorganizando a fala.*”

(http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=9&id_subtema=4)

Qualquer destas duas intervenções pressupõe um trabalho prévio para que o objetivo seja alcançado. A realização de um guia de orientação não invalida a intervenção/participação extra-guião, se assim o entrevistador, no momento da entrevista achar pertinente.

Quando se inicia um tema deste género com crianças, é necessário ter em atenção a forma como os alunos elaboraram a entrevista e, para tal, *“Era necessário fazê-los ver que não se pode escrever nem dizer as coisas a todo o mundo da mesma maneira. Deve-se conhecer regras sociais da língua para se adequar às diferentes situações de comunicação.”* (Camps, A. (2006:153)). Quer dizer, entrevistador tem de ter em atenção o “tipo” de pessoa que foi entrevistada, considerando o estatuto social que essa pessoa ocupa.

Dentro da entrevista, e tendo em consideração toda a importância curricular que a envolve, foi trabalhada também a estrutura (esqueleto base) e o tipo de questões (abertas e fechadas).

Segundo Palou, Juli & Carmina (2005:95 e 96) *“En una entrevista se gera un texto com una estructura concreta. (...): Obertura (...) Preguntas y respuestas (...) Cierre (...).”*

Estes três tópicos (Abertura, perguntas e respostas e Encerramento) foram a base de orientação para a realização de uma entrevista embora os alunos tivessem alguma “liberdade” para criarem a sua própria estrutura, seguindo os moldes da construção de um texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão).

Quanto ao tipo de questões, posso dizer que existem de dois tipos, as perguntas abertas- dando a possibilidade que o entrevistado desenvolva a resposta; e as perguntas fechadas- cuja resposta só é uma –*sim* ou *não*.

Para comprovar o que mencionei: *“A veces preguntamos de manera que la respuesta sólo puede ser una. Por el contrario, en otras ocasiones lanzamos la pregunta intuyendo que la respuesta puede llenar una biblioteca entera. Preguntas cerradas y preguntas abiertas. Preguntamos porque sabemos, porque ignoramos, porque queremos más cerca del outro o porque queremos alejarnos de él para sempre.”* (Palou, Juli & Carmina (2005:81)).

Desta forma, para obtermos determinadas respostas devemos ter em atenção como colocamos a questão, pois por vezes basta reformular a mesma para que de fechada (com uma resposta fácil e rápida) se torne aberta, podendo o entrevistador obter a resposta pretendida.

A **reportagem** que é um género linguístico estritamente ligado ao constituído pela entrevista, dado que se socorre em boa medida dos dados recolhidos através desta última, mas a sua definição vai necessariamente um pouco mais além, dado que a finalidade comunicativa da construção de uma reportagem é mais lata da que a que preside à construção da entrevista. Essencialmente, essa finalidade pode ser entendida como a de contar uma espécie de *história* ou *relato*. A natureza da *reportagem* enquanto relato ou história aparece, por exemplo, na definição seguinte:

“A reportagem é uma versão mais alargada e completa de uma notícia (relato de um acontecimento/assunto/história atual) que despertou interesse.”
(http://www.nescolas.dn.pt/index.php?a=kitmedia&p=2_13)

Esta definição relaciona reportagem com notícia, o que significa que a reportagem implica sempre um determinado acontecimento a que, por exemplo, se quer dar mais detalhe que o habitualmente dado através de uma notícia. Camps (2006), por seu lado, relaciona explicitamente a reportagem com a entrevista, o que me levou a reconhecer que o material relatado numa reportagem por ser o conseguido/reunido por uma sequência de entrevistas, sendo o ‘detalhe’ não proveniente do aprofundamento de um dado acontecimento mas dos conteúdos/informações mais importantes recolhidos nessas situações.

“uma reportagem (...) como resultado dos dados obtidos por meio de entrevista. A reportagem devia conter os resultados mais significativos de todas as entrevistas.” (Camps, A. (2006:148)

3.2. Como ensinar língua? À procura do entendimento do modo de construção pedagógica da aprendizagem dos géneros linguísticos *entrevista e reportagem*

A implementação pedagógica da minha intervenção sustentou-se na perspetiva socio construtivista da aprendizagem.

Ao contrário do ensino tradicional, em que o indivíduo é considerado uma “tábua rasa”, ou seja, indivíduo que necessita que a escola deposite os conteúdos, a perspetiva socio construtivista da aprendizagem assume que o ser humano é criado ativo e socialmente, ou seja, com as ações e relações que estabelece com a natureza e com os outros homens:

“O Sócio- construtivismo propõe construir o conhecimento baseando-se nas relações dos alunos com a realidade, valorizando e aprofundando o que a criança já sabe. O conhecimento e a inteligência vão se desenvolvendo passo a passo, num processo de construção que é tão importante quanto o próprio conhecimento.

O professor é responsável por ajudar o aluno neste processo. As crianças crescem mais críticas e capazes de aprender por si. A criança é incentivada a desenvolver o senso de responsabilidade pelo próprio aprendizado.”
(<http://proletrapocosdecaldas.blogspot.pt/>)

Tendo isto em consideração, o aluno é capaz de construir o seu próprio conhecimento, com base nas suas experiências diárias (da realidade do dia a dia) e das suas ações. O professor deve promover momentos de trabalho colaborativo, em grupo, e também momentos individuais, autonomizando assim os alunos nas suas aprendizagens.

Segundo Marta Milian citada por Camps, *“...trata-se de iniciar o processo – todos dão a sua opinião, todos decidem – ou se revisa e avalia o trabalho realizado a partir de critérios de consenso. A divisão por grupos de trabalho diferenciados permite a confrontação de opiniões e resultados e potencializa a consideração objetiva do trabalho dos demais e do próprio. A modelagem de quem ensina promove a participação dos alunos na tomada de decisões e permite orientar seus saberes e suas dificuldades. Por outro lado, as atividades colaborativas fazem referência ao uso da linguagem como instrumento de aprendizagem: ler para entender, falar para se fazer entender e justificar uma decisão, escrever para organizar o saber e transmiti-lo, escutar para confrontar saberes e pontos de vista.”* (Camps, A. (2006:179).

Para a autora, os alunos aprendem em sociedade, com os outros, partilhado as suas vivências e opiniões com os outros, dando especial enfoque à importância do trabalho colaborativo, em grupo.

Para Lamb, Raya e Vieira (2007:2), autonomia para o aluno e para o professor é a: *“Competência para se desenvolver como participante autodeterminado, socialmente responsável e criticamente consciente em (e para além de) ambientes educativos, por referência a uma visão da educação como espaço de emancipação (inter) pessoal e transformação social”*.

Assim sendo, o professor deve levar os alunos à construção da sua aprendizagem fazendo com que o mesmo adquira responsabilidade perante o que o rodeia e também sinta que a escola é um lugar de transformação e não de reprodução (Lamb, Raya e Vieira, 2007:3).

Estas ideias permitiram-me compreender a necessidade de promover práticas em que o professor cuide o lado social da construção das aprendizagens, através da construção de práticas colaborativas de construção do saber.

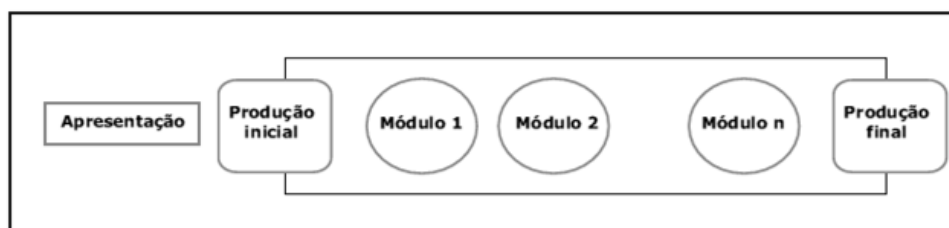
Num contexto com preocupações e prioridades tão complexas, algumas estratégias de atuação pedagógico-didáticas relevantes que oferecem aos alunos condições de construção de aprendizagem dos géneros textuais visados são o ciclo de escrita, a sequência didática e a autoavaliação.

As estratégias sequência didática e ciclo de escrita oferecem, a meu ver, potencialidades pedagógicas ao nível da construção das aprendizagens sobre textos.

Barbeiro e Pereira (2007) entendem que sequência didática é *“... um conjunto de actividades escolares, organizado de forma sistemática com o objectivo de ajudar o aluno a dominar um género de texto para que possa escrever de modo mais adequado numa determinada situação de comunicação.* (Barbeiro, L. e Pereira, L. (2007:38).

Com isto, o professor tem de organizar um conjunto de atividades coerentes em torno de projetos de ação devidamente definidos.

Para isso, o professor deve pensar num trabalho que incida em “...gêneros que os alunos não dominam ou em que manifestam um domínio insuficiente e em gêneros dificilmente acessíveis para a maioria dos alunos. Este trabalho deve facilitar o acesso dos alunos a práticas de linguagem novas e de relativa complexidade.” (Barbeiro, L. e Pereira, L. (2007:38).



Esquema 1 – Representação da Sequência didática seguida

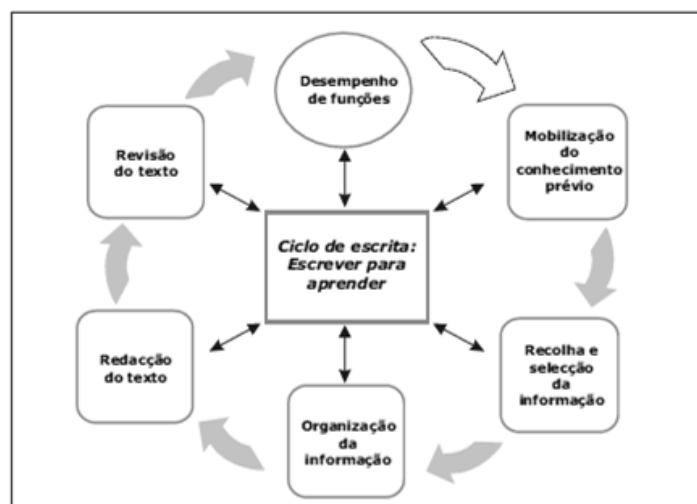
A sequência didática estrutura-se num conjunto de momentos bem definidos. Inicialmente a apresentação - como o próprio nome indica consiste na explicação detalhada e pormenorizada aos alunos da tarefa a ser realizada, onde é suposto a elaboração de um primeiro texto, chamado de produção inicial.

A produção inicial é fundamental neste processo, quer para alunos quer para o professor, pois é a partir deste produto obtido que serão definidas novas atividades para colmatar as dificuldades reais da turma.

De seguida surgem os módulos, com número indeterminado, pois consiste no número de tarefas/atividades/exercícios que serão necessários para trabalhar de forma sistemática e aprofundada as dificuldades inicialmente identificadas ou outras que surjam no decorrer das atividades.

Por último, surge a produção final, que é constituída pelo texto final produzido pelos alunos após a realização dos módulos, onde estes têm oportunidade de expor todos os conhecimentos adquiridos.

Por sua vez, o ciclo de escrita “possibilita o recurso sistematizado às componentes do processo de escrita. Desenvolve-se ao longo de várias fases: **mobilização do conhecimento prévio, recolha e selecção da informação, organização da informação em função da instrução de escrita, redacção do texto solicitado e correspondente revisão de acordo com as funções atribuídas ao texto produzido.**” (Barbeiro, L. e Pereira, L. (2007:32).



Esquema 2 – Representação do Ciclo de escrita seguida

Como mostra o esquema, o ciclo de escrita passa por diferentes fases, sendo estas planificação, textualização e revisão:

- Planificação: Mobilização do conhecimento, momento em que o aluno exterioriza e utiliza os conhecimentos que dispõe acerca de um determinado tema;
- Planificação: Recolha e seleção de informação, momento em que o aluno reúne os dados e procede à análise dos mesmos recolhendo a informação relevante para o assunto em estudo.
- Planificação: Organização da informação, momento em que os alunos agrupam a informação em categorias;
- Redacção do texto- Produção de um texto a partir dos dados previamente organizados;
- Revisão do texto- verificar se o texto respeita as regras base quer na articulação entre frases, conectores, etc...
- Atribuição de funções ao produto escrito- arquivar/ guardar o trabalho final para posteriores estudos.

No final de todo o processo, é importante fazer com que os alunos pensem/reflitam sobre o que aprenderam- realizem a sua autoavaliação. Desta forma, Bach (2001:223) refere-se à autoavaliação como: "*marca uma pausa no processo de aprendizagem*" permitindo, o aluno, compreender aquilo que realizou e como realizou.

3.3. Para quê ensinar língua? À procura do entendimento da finalidade da aprendizagem dos géneros linguísticos *entrevista e reportagem*

Com base nas leituras realizadas, pude compreender que qualquer percurso de ensino e aprendizagem da língua tem como principal finalidade educacional o desenvolvimento da competência linguística consciente, ou seja, que o aluno aprenda e conheça a existência de géneros linguísticos especializados e que mobiliza em situações futuras.

Quando o aluno aplica os seus conhecimentos nas suas ações, tarefas, etc., de modo consciente, demonstra que tem consciência das suas aprendizagens demarcando-se na forma como as aplica, demonstrando que domina a temática ou conteúdo envolvente.

Desta forma, o meu projeto apoia-se, essencialmente, nos seguintes pontos (relacionados entre si), para que o aluno aprenda:

- a refletir acerca das aprendizagens- metacognição;
- a aplicar os conteúdos em situações futuras e sua importância para a vida do aluno;
- a ser autónomo.

Com isto, “(...)espera-se que nas diversas situações sociais o aluno-futuro cidadão competente seja capaz de aplicar os seus recursos cognitivos e de adquirir outros quando o processo educativo termina e de o fazer autonomamente.” e “Espera-se, pois, que os conhecimentos de tipo declarativo, procedimental e atitudinal construídos na escola estejam conscientemente disponíveis para que assim os (ex-) aprendizes possam usá-los deliberadamente como **estratégias de atuação e aprendizagem em novas situações de aprendizagem e situações sociais exigentes** noutras situações escolares e para além da vida.” (Pereira, I. (2010:112).

De acordo com esta citação, refiro a importância da escolha deste tema, na medida em que este se relacionou com outro projeto curricular “Educar para a Cidadania”, cujos objetivos eram:

- Desenvolver os valores: respeito, solidariedade, amizade, ajuda e tolerância;
- Conhecer direitos e deveres;
- Respeitar o meio ambiente (poupança de recursos - material escolar; água; toalhete de papel; lanches, energia, recolha de materiais para reciclagem...);
- Respeitar normas e valores de integração na sociedade;
- Adequar os comportamentos a situações de comunicação (debates, conversas...);
- Integrar as conclusões das situações analisadas nas atitudes e valores pessoais;
- Adquirir/manter hábitos de vida saudáveis;
- Valorizar a vida em democracia e liberdade.

Tendo estes objetivos em consideração, no âmbito da solidariedade, respeito pelo outro, etc... nasceu a hipótese de os alunos elaborarem uma entrevista para realizá-la num contexto formal, numa visita de estudo ao Lar de Idosos da Santa casa da Misericórdia.

Para concluir o enquadramento teórico de suporte, e segundo Pereira I. que cita Vigotsky, concluo dizendo que *“a língua é o principal instrumento de que o ser humano se serve para mediar a interiorização e aprendizagem do conhecimento cultural que constitui a fonte do seu desenvolvimento cognitivo na escola e ao longo da vida.”* (Pereira, I. (2010:145)).

4. PLANO GERAL DE INTERVENÇÃO

4.1.Procedimento metodológico

Todo o processo metodológico em que se sustentou o meu projeto de intervenção foi a investigação-ação, que se constituiu como um “processo de investigação em espiral”, interventivo e focado num problema.

Assim, a investigação-ação parte do pressuposto de que o profissional é competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir, para escolher as estratégias e metodologias apropriadas, para monitorizar tanto os processos como os resultados. (Esteves L., 2008)

De acordo com Esteves L., o professor é visto como um profissional reflexivo, que ambiciona melhorar as aprendizagens das crianças.

Segundo John McKernan (1998) cit. por Esteves (2008:20) investigação-ação é:

“(...) um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático- primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano acção -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção do problema. A avaliação é efectuada para verificar e demonstrar a eficácia da acção realizada. Finalmente, os participantes reflectem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-acção. Investigação- acção é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática.”

Esta metodologia orienta-se à melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças. Esta metodologia desenvolve-se por diferentes ciclos, em espiral, onde está sempre presente os processos de planificação, ação, observação e reflexão (como refere acima).

Para a minha prática tive em consideração todas estas operações e de facto constatei que nem tudo o que pensamos inicialmente é o que é produzido no terreno, pois como foi referido, é necessário ter em consideração as circunstâncias em que as tarefas surgem, daí ser extremamente importante estas planificações serem apresentadas de uma forma aberta, flexível, pois implica *“(...)a reflexão do professor-investigador sobre a sua experiência e a experiência do outro, a observação dos alunos, a avaliação das suas práticas e a decisão sobre as que deve*

conservar ou mudar.” (Esteves L. (2008:82)). Quanto à ação, o agir “(...) engloba todos os actos de pesquisa no terreno, em busca dos padrões ou discrepâncias que emergem das práticas do professor, mediante a observação e o registo do modo como os alunos aprendem, do tipo de conteúdos de aprendizagem seleccionados, das estratégias didácticas utilizadas.” (Esteves L. (2008:82)).

Seguidamente, a reflexão, surge da “(...) análise crítica das observações, discrepâncias e/ou padrões encontrados, com o intuito de descobrir as crenças e os esquemas de referencia subsumidos nas práticas do investigador. Utilizam-se vários instrumentos para registar e analisar os dados de observação.” (Esteves L. (2008:82)).

Posteriormente, a avaliação/ validação, surge da descrição e análise dos dados, à medida que se avaliam as decisões sucessivamente tomadas e se observam os efeitos que delas decorrem. (Esteves L. (2008:82)).

No final, é extremamente importante o diálogo, pois é uma “(...) estratégia de partilha sucessiva de pontos de vista e de interpretações com os colegas, ou eventuais amigos críticos, até chegar à versão final de um relatório escrito. A colaboração é a pedra de toque para um projecto seja bem sucedido, isto é, tenha qualidade.” (Esteves L. (2008:82)).

A presente metodologia é paralelamente utilizada como estratégia para a formação profissional e pessoal dos professores, pois permite que este questione a sua prática e conheça os contextos de aprendizagem.

Assim sendo, o professor deve ter em consideração três dimensões:

- **dimensão pessoal**- O professor preocupado com a sua ação valorizando os interesses dos alunos, melhorando progressivamente a sua prática.

“Os professores (...) procuram compreender e aperfeiçoar a sua prática quotidiana.”; “(...) conhecer e compreender melhor as acções e o pensamento das crianças (...) com vista a melhorar as suas aprendizagens e o seu bem-estar na escola.)” (Esteves L. (2008:70)).

- **dimensão profissional**- Esta dimensão está relacionada com a pessoal, pois de acordo com os interesses dos alunos estrutura e organiza práticas que sejam significativas para o aluno.

“(...) as técnicas e as estratégias de ensino, as quais, não só contribuem para o desenvolvimento individual, mas constituem também uma ampla base de dados sobre o conhecimento profissional do professor, muito útil como fonte de análise para reflexão futura.” (Esteves L. (2008:71)).

- **dimensão política**- Esta dimensão apoia-se essencialmente em burocracias, institucionais que por vezes limitam a ação do professor, daí ser importante que o professor também se faça ouvir perto das entidades educacionais.

“(...) procuram transformar-se os contextos de acordo com os valores democráticos, em prol da justiça social.” (Esteves L. (2008:72)).

Para finalizar, esta metodologia é uma oportunidade que o professor dispõe para conhecer a sua prática, de desenvolver a sua capacidade reflexiva e, particularmente, a capacidade para alterar as suas estratégias de ação.

4.2.Plano de Intervenção

Tendo em consideração o enquadramento contextual e tendo por base as atividades previstas para o projeto intitulado *Educar para a Cidadania*, conjuntamente com uma colega de estágio foi planeada uma visita a um lar de idosos, nomeadamente, o da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, no âmbito da qual as crianças prepararam, editaram e realizaram uma entrevista e uma reportagem com base nos dados recolhidos nessas entrevistas, que será postada no blogue da turma, para divulgar o trabalho à comunidade.

A entrevista foi realizada a diferentes pessoas da instituição visitada pela turma.

Com isto, o **projeto de intervenção pedagógica** desenvolvido para este trabalho organiza-se da seguinte forma e seguindo três estratégias pedagógica básica, constituída pela sequência didática (Pereira, 2008; Barbeiro & Pereira, 2007) e ciclo de escrita (Barbeiro & Pereira, 2007), realizadas em grupo, e autoavaliação, realizada individualmente:

Sequência didática (trabalho de grupo (4 grupos)):

- Preparação do guião de uma entrevista;
- Revisão da entrevista inicialmente preparada – alterando e melhorando-a em função das aprendizagens construídas entretanto;
- Elaboração do guião das entrevistas (versão final);
- Realização das entrevistas;
- Apresentação e análise de todas as entrevistas;

Ciclo de escrita (trabalho de grupo (4 grupos)):

- Preparação de uma reportagem recolhendo a informação mais importante em cada entrevista (planificação, textualização e revisão de quatro textos- um por grupo);
- Elaboração da reportagem – montagem/junção dos quatro textos (versão final);

- Realização da reportagem;

Autoavaliação das aprendizagens (individual e discussão em grande grupo)

A tabela que se segue apresenta a calendarização das estratégias de intervenção:

Tarefas			Aulas								
			1	2	3	4	5	6	7	8	9
Intervenção	Estratégias	Preparação do guião de uma entrevista									
		Revisão da entrevista inicialmente preparada									
		Elaboração do guião das entrevistas (versão final)									
		Realização da entrevista									
		Apresentação, análise e transcrição de todas as entrevistas									
		Preparação de uma reportagem (uma por grupo- 4 textos)									
		Elaboração de uma reportagem coletiva									
		Realização de uma reportagem									
		Autoavaliação das aprendizagens									

Tabela 1- Organização das estratégias de intervenção

O **projeto de investigação** aqui apresentado organiza-se da seguinte forma e seguindo estratégias de avaliação das produções dos alunos, realizadas em grupo, e autoavaliação, realizada individualmente:

- Guião da entrevista inicialmente preparada;
- Construção de conhecimentos acerca da entrevista;
- Construção de conhecimentos acerca da reportagem;
- Testos escritos pelos alunos (para a reportagem);
- Autoavaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos;
- Observações e reflexões semanais e diário Reflexivo.

A tabela que se segue apresenta a calendarização das estratégias de investigação:

Tarefas			Aulas								
			1	2	3	4	5	6	7	8	9
Investigação	Avaliação	Guião da entrevista inicialmente preparada									
		Construção de conhecimentos acerca da entrevista									
		Construção de conhecimentos acerca da reportagem									
		Testos escritos pelos alunos (para a reportagem)									
		Autoavaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos									
		Observações e reflexões semanais e diário Reflexivo									

Tabela 2- Organização das estratégias de investigação

4.3.Objetivos

Através da implementação das estratégias de intervenção acima referidas, pretendo atingir os seguintes objetivos pedagógicos:

- Confrontar as representações dos alunos sobre os géneros entrevista e reportagem;
- Promover a capacidade de reflexão, para a edição de novos textos/géneros;
- Promover o espírito colaborativo;
- Promover a consciencialização para a importância do processo de elaboração e realização de uma entrevista e reportagem - autoavaliação (o que aprendi? e como aprendi?).

Os objetivos de investigação que persegui com a realização desta intervenção foram:

- Promover a aprendizagem consciente de dois géneros textuais implicados nas competências específicas da compreensão e da expressão oral formal, nomeadamente o da entrevista e o da reportagem.
- Identificar o impacto das estratégias pedagógicas no alargamento das competências linguísticas dos alunos, em duas situações orais formais: entrevista e reportagem.

- Identificar o impacto das estratégias pedagógicas na consciencialização dos alunos acerca dos géneros linguísticos estudados: entrevista e reportagem.

Estes objetivos foram avaliados através das seguintes fontes de informação:

- Guião da entrevista inicialmente preparado;
- Mobilização dos conhecimentos construídos durante as atividades de estudo sobre as características da entrevista no aperfeiçoamento do guião inicial;
- Mobilização dos conhecimentos construídos durante as atividades de estudo sobre as características de uma reportagem na elaboração e realização da reportagem;
- Textos (para a reportagem) escritos pelos alunos;
- Autoavaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos;
- Observações e reflexões semanais e diário reflexivo.

5. DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Este projeto de investigação, cuja questão de investigação é “**Como promover o alargamento das competências linguísticas, orais formais, nos alunos?**”, focalizou-se em dois géneros no âmbito da temática do discursivo oral formal: a entrevista e a reportagem.

Neste ponto, irei fazer a apresentação, a análise dos dados e a avaliação das tarefas realizadas de forma a evidenciar o impacto que este processo metodológico (investigação-ação) teve na aprendizagem dos alunos. Tal como previsto na planificação, os dados que usarei são essencialmente qualitativos, sob a forma de transcrições de diálogos ou intervenções de alunos, excertos de registos escritos pelos alunos ou por mim, havendo contudo alguns dados de natureza quantitativa, recolhidos através dos inquéritos de autoavaliação.

5.1. Primeiro momento de intervenção: Preparação do guião da entrevista

Numa primeira etapa, preparei um momento de diálogo com os alunos para assim perceber os pré-conceitos que eles já possuíam acerca da entrevista uma vez que os alunos nunca tinham realizado nenhum trabalho no âmbito desta temática. Este diálogo surgiu inicialmente da possibilidade de realizarmos uma visita de estudo ao Lar de Idosos da Santa casa da Misericórdia. Os alunos mostraram interesse em realizar a entrevista, mas estavam um pouco reticentes pois não sabiam o que fazer e como fazer.

Inicialmente conversámos sobre a importância de um lar (O que é um lar?) e sobre quem é que achariam que poderiam/deveriam entrevistar (Quem lá trabalha? Quem vamos entrevistar?), refletindo sobre os tipos de serviços e pessoas que encontraríamos num Lar, isto para chegar a quatro situações de entrevista diferentes, uma vez que os alunos estariam divididos em quatro grupos. Estas ideias ficaram registadas num esquema no quadro.

Alguns serviços foram óbvios para eles, tendo eu que ajudar na designação da palavra, nomeadamente nas palavras **Direção**- “Quem toma conta, organiza”; **Funcionário**- “empregado de limpeza, higiene”, “serviços técnicos”; a palavra **Visitante** foi proposta por mim, pois, embora a conhecessem, não estavam a associá-la a alguém importante para o Lar. Era de interesse ter uma opinião de alguém que não está diretamente relacionado com o lar, mas que tivesse uma opinião acerca do mesmo.

Frases do diálogo:

Professora: “O que é um Lar?”

A7: “É o sítio onde tratam os idosos...”

(...)

Professora: "E como é constituído? O que é que o Lar tem?"

Alunos: "Jardim, ginásio, quartos e casas de banho, sala de estar, secretaria, refeitório."

(...)

Professora: "O que falta agora no nosso esquema?"

A13: "Quem trabalha lá!"

Professora: "Isso mesmo! Mas então quem é que acham que trabalha lá?"

Alunos: "Direção, Assistência técnica (eletricistas, picheleiro, eletrónicos,...)"

(...)

Diário reflexivo – Conversa sobre o Lar de Idosos (23 de novembro de 2011)

Após o brainstorming, eu e os alunos, refletimos sobre o que esquema que estava no quadro e que as crianças também registaram no seu caderno e selecionámos as quatro opções que achávamos que eram mais importantes para o bom funcionamento de um Lar, sendo de interesse entrevistar quatro pessoas com "cargos" distintos entre si, para alargarem o seu conhecimento a vários níveis.

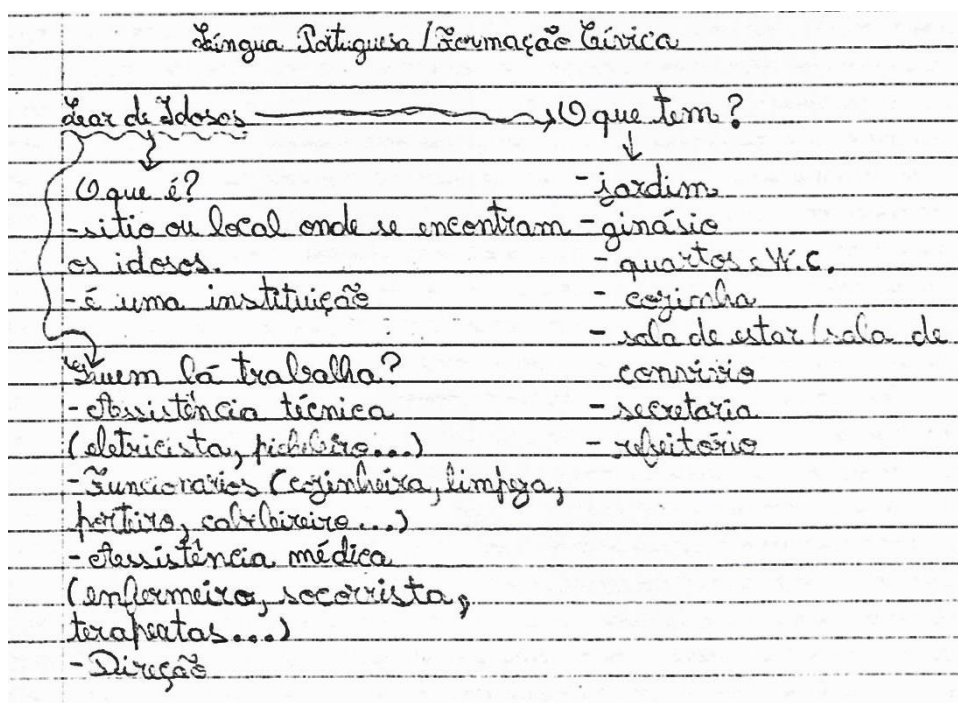


Figura 1- "Brainstorming" – Lar de Idosos/ Como é constituído?

Neste esquema, como se pode observar, os alunos definiram a palavra lar, refletindo também acerca de quem lá trabalha e sobre a constituição do mesmo.

Com este esquema à frente, rapidamente os alunos selecionaram o Idoso e a Direção, sentindo-se um pouco indecisos na escolha dos “outros serviços”. Ajudei-os a excluirmos opções, nomeadamente nos funcionários, pois existiam de vários tipos, simplificando a escolha para uma funcionária de limpeza e higiene. O visitante surgiu por sugestão minha, pois penso que era interessante obter uma visão e opinião acerca do lar obtida de alguém do exterior. Os alunos aceitaram e compreenderam a importância da minha sugestão.

Encontradas as quatro pessoas a entrevistar (direção, idoso, funcionário e visitante), os alunos fizeram um sorteio para saberem quem iam entrevistar.

Senti necessidade de realçar que todas as entrevistas tinham a mesma importância e que haveria coisas que poderiam ser semelhantes entre todas, embora estas fossem realizadas a pessoas distintas.

Posto isto, e antes de iniciarem a elaboração da entrevista, apenas os questioneei:

Professora: “As entrevistas vão ser todas iguais?” (tipo de questões- interesse na pessoa a entrevistar)

Alunos: “Não”.

Professora: “Porquê?”

A7: “Porque são pessoas diferentes”

A9: “Fazem coisas diferentes”

A13: “Temos de ter cuidado como falamos porque não são nossos amigos!”

Diário reflexivo- 23 de novembro de 2011

Após estas frases não quis avançar mais para não condicionar o produto inicial, somente fiz referência à importância do projeto da Cidadania, para eles não se esquecerem do que já tinham aprendido no âmbito do projeto e como poderia estar relacionado com a entrevista, deixando-os a pensar e a realizar a entrevista.

Desta forma, os grupos, compostos por 4/5 elementos, iniciaram, de forma livre, com base nos pré-conceitos que eles já possuíam, a elaboração da primeira entrevista (1ª etapa), podendo recorrer, se necessário ao esquema realizado.

Enquanto trabalhavam em grupo, observei que os alunos estavam preocupados com a estrutura da entrevista, verificando que eles conversavam sobre isso. Para os ajudar, lembrei-os da entrevista a que alguns alunos tinham sido sujeitos quando receberam a visita da inspeção à escola. Após ter dado esta indicação, foi notório mais entusiasmo, pois lembraram as questões que tinham respondido (questões pessoais e sobre a escola), ajudando-os assim a idealizarem a sua entrevista.

Verifiquei que, na generalidade, os grupos se preocupavam essencialmente com a parte inicial, ou seja, com a sua apresentação, quem eram e de onde vinham, perdendo imenso tempo com essa situação. Num dos grupos, reparei que autonomamente, eles tentavam autocorrigirem as suas questões, por exemplo:

A10: "O lar está bem construído?"

A6: "Isso não fica bem... Vamos por... Acha que o lar está bem construído? Porquê?"

Diário reflexivo- 23 de novembro de 2011

Havia um grupo que tinha decidido fazer questões de forma aleatória e só depois é que iam ordená-las.

A13: "Professora, primeiro vamos fazer as perguntas todas e depois colocamo-las por ordem...se não esquecemo-nos de tudo."

Diário reflexivo- 23 de novembro de 2011

Outro grupo estava com dificuldades em adaptar a linguagem nas questões, pois não conheciam a pessoa a quem se dirigiam repetindo sempre as mesmas ideias (não sabiam a ligação entre o visitante e o idoso). Disse-lhes para pensarem em todas as possibilidades não se focando num grau de parentesco e que fizessem as questões de uma forma mais generalista.

A primeira representação da entrevista do grupo do visitante:

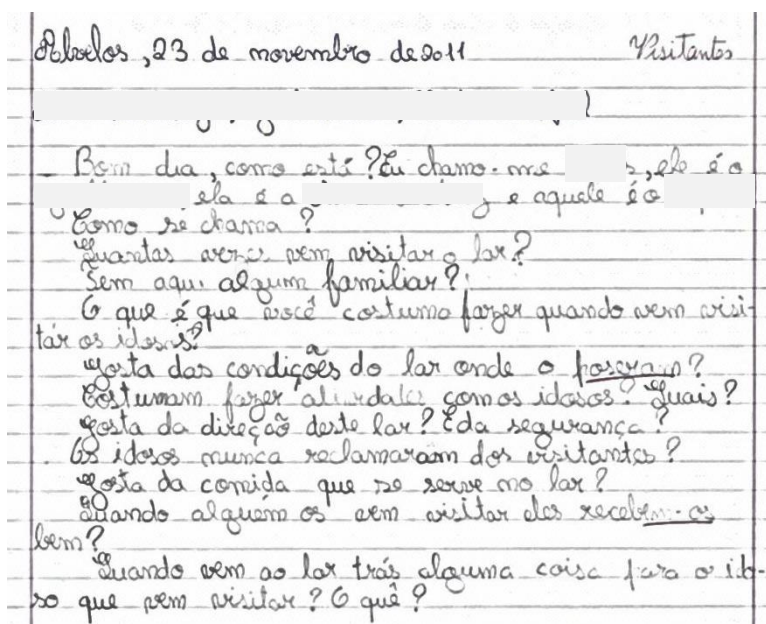


Figura 2- Entrevista à visitante - 1ª versão

Como se observa na entrevista, os alunos começaram por fazer a sua apresentação. Posteriormente queriam conhecer a pessoa realizando algumas perguntas no âmbito pessoal (Como se chama? Quem vai visitar? E quantas vezes o faz?). No seguimento da entrevista os alunos focaram-se essencialmente no esquema do quadro, pois as questões eram referentes à direção, segurança, alimentação... terminaram a entrevista com uma questão (*“Quando vem ao lar trás alguma coisa para o idoso? O quê?”*) que, no enquadramento/estrutura “definida por eles” não se adequa ficando esta melhor na parte inicial, juntamente com as questões “pessoais”.

Quando analisei as primeiras versões dos esboços elaborados fiquei surpreendida com os dados iniciais, pois os alunos, dentro das suas capacidades, elaboraram boas entrevistas, ficando um pouco apreensiva face ao contraste que iria ter no final do percurso (tinha receio que as aprendizagens não fossem significativas, não existindo uma grande distinção entre a pré-intervenção e a pós-intervenção).

Era notório, em cada grupo, quem o representava, pois era esse membro que fazia com que os restantes colegas colaborassem e participassem na tarefa.

No final desta aula, que se prolongou pela manhã, questionei os alunos acerca da sua opinião sobre a atividade que tinham realizado:

Professora: “Acharam esta tarefa difícil?”

Alunos: “Mais ou menos.”

Professora: “Sentiram dificuldades? Porquê/ Em quê?”

A13: “Porque nunca tínhamos feito e não conhecemos as pessoas que vamos entrevistar... Porque nunca tínhamos experimentado.”

Professora: “Acharam esta tarefa desnecessária? Porquê?”

Alunos: “Não.”

A7: “Para conhecermos mais coisas.

A4: “Para respeitarmos a Cidadania e sermos bons Cidadãos.”

A10: “Para a nossa aprendizagem!”

A13: “Para conseguirmos ir longe...”

Professora: “Sabem dizer-me em que áreas estiveram a trabalhar?”

Alunos: “Área de Projeto – “Cidadania” e Português.”

Professora: “Português? Porquê?”

A7: “Tivemos a escrever e a fazer perguntas.”

Professora: “Porque tiveram dificuldades?”

A13: “Porque não conhecíamos os cargos. Porque não sabíamos o que fazer...”

Professora: “Não sabiam o que fazer? Como assim? Sabem explicar melhor?”

A9: *“Não sabíamos como falar e como fazer as perguntas.”*

Professora: *“Então tiveram dificuldades em adequar a linguagem e na realização das questões...é isso?...”*

Diário reflexivo- 23 de novembro de 2011

Fiquei muito satisfeita com esta conversa pois esta facilitou na percepção das dificuldades dos alunos permitindo assim ajudas futuras.

Os alunos, como mostra o diálogo, identificaram as suas dificuldades, sendo estas quer no âmbito da elaboração de uma entrevista, quer no “conhecimento” das pessoas que iriam ser entrevistadas (o que faziam? que funções? que tipo de trabalho exerciam? quem visitavam? que interesses tinham? – questões de carácter pessoal e profissional referentes a cada um dos “cargos”).

Contudo, como referi anteriormente, esta primeira fase/ momento foi muito positiva, e em diálogo com os alunos, estes valorizaram a tarefa e demonstraram vontade de aprender mais para melhorarem as suas entrevistas.

Professora: *“Acharam a tarefa desnecessária?”*

Alunos: *“Não.”*

Professora: *“Porquê?”*

A13: *“Para conhecermos melhor as coisas e as pessoas.”*

A4: *“Para respeitarmos as pessoas.”*

A7: *“Para a nossa aprendizagem!”*

A9: *“Para conseguirmos ir longe...”*

A13: *“Nunca tínhamos feito nada assim e agora podemos melhorar.”*

Diário reflexivo- 23 de novembro de 2011

5.2. Segundo momento de intervenção: Segunda versão da entrevista

Numa segunda fase do processo de construção do guião da entrevista, iniciámos a aula retomando as dúvidas e dificuldades sentidas pelos alunos, ajudando-se uns aos outros construindo o seu próprio conhecimento com todo o meu apoio e orientação.

Nesta reflexão os alunos mencionaram as suas principais dificuldades dizendo:

A4: *“Tivemos dificuldades a fazer as perguntas”*

A17: *“Não conhecemos as pessoas”*

A9: *“Não estamos habituados a falar daquela maneira”*

A7: *“Falamos numa linguagem mais simples”.*

Diário Reflexivo- 6 de dezembro de 2011

Esta reflexão foi muito importante, pois já tinha passado algum tempo desde a elaboração da primeira versão do guião da entrevista. A professora titular de turma tinha inclusivamente pedido aos alunos para que em casa fizessem umas pesquisas acerca do Lar e dos vários cargos de trabalho existentes num lar para que este assunto não ficasse esquecido. Contudo verifiquei que a grande maioria dos alunos não demonstrava ter conhecimentos acerca da temática apesar de afirmar ter feito a pesquisa.

Assim sendo, nessa conversa inicial, relembámos e aprofundámos ideias sobre o que era um lar, especificando e explicando pormenorizadamente cada “cargo” (Quem é? O que faz no lar? Que papel tem x no lar?).

Frases do diálogo:

Professora: “O que podemos fazer agora no outro esquema?”

A9: “Podemos melhorar algumas perguntas.”

Professora: “Sim, mas antes disso, ainda podemos fazer outra coisa, o quê? Ainda não conhecemos tudo...”

A7: “O que cada cargo e profissão faz no lar de idosos.”

(...)

Professora: “Como será um funcionário? Quais as suas funções no Lar?...”

Alunos: “Simpático, limpo, responsável, prestável, amigo, educado, rápido (eficaz) e cuidadoso. Pode ser empregado de limpeza (trata da higiene e limpeza do lar), cozinheira (cozinha para os idosos), etc...”

Professora: “Como será o Diretor(a)? Quais as suas funções no Lar?...”

(...)

Diário Reflexivo- 6 de dezembro de 2011

Esta conversa foi registada, formando um esquema no quadro com as ideias discutidas por todos. Este esquema foi transcrito para o caderno diário e serviu para que os alunos conseguissem formular mais e melhores questões de interesse para a entrevista, tendo em consideração a “pessoa” a ser entrevistada.

O que fazem?			
Visitantes	Idosos	Direção	Funcionários
<ul style="list-style-type: none"> - visitam os idosos (familiares, amigos e voluntários) - podem fazer algumas atividades com os idosos, atendeiros, catadores - visitar frequentemente - deve acompanhar o idoso - ser bem compreensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Idade; - são mais velhos e sabem mais coisas (inteligentes) - precisam de atenção e cuidados - pode ser uma pessoa com experiências 	<ul style="list-style-type: none"> - Diretor: - responsável (pelos lares, por quem lá trabalha e pelos idosos), simpático, organizado e dinamiza as atividades, representante do lar, trabalhar muito e em equipe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Limpezas: - limpo, simpático, educado, acessível, amigo, responsável, eficiente, cuidadoso.

Figura 3 – “Brainstorming” – O que cada pessoa faz no Lar?

Como se observa no esquema, os cargos estão apresentados de forma a auxiliar os alunos a organizar as ideias (ajudar a estruturar o pensamento) acerca de cada pessoa/função.

Com isto, no final da realização deste esquema e de toda a conversa estabelecida, os alunos, encontram-se mais preparados para melhorar as suas entrevistas, pois já sabiam conheciam as pessoas que iam entrevistar.

Professora: “Agora, vamos fazer o quê?”

A15: “Vamos melhorar as entrevistas. Temos de reformular.”

Professora: “Então, vão ler o que fizeram na primeira versão. Depois vão ver se mudariam alguma coisa do que têm, se é necessário retirarem algo que está a mais, ou até mesmo se acrescentariam mais coisas.”

Diário reflexivo- 6 de dezembro de 2011

Posto isto, os alunos reformularam a primeira versão do guião da entrevista de forma a melhorá-la.

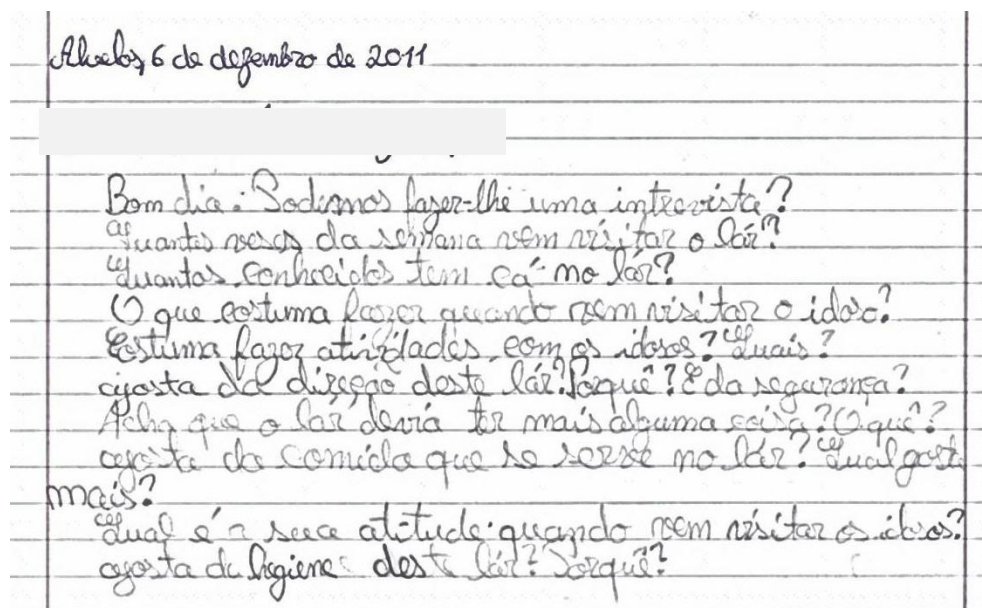


Figura 4- Entrevista à Visitante - 2ª versão

Comparativamente com a primeira entrevista, esta segunda versão não demonstra grande evolução. Neste grupo em especial, havia um elemento perturbador que não “deixava” os colegas concentrarem-se. Constatei também, neste grupo, que os alunos não recorreram ao esquema orientador. Contudo, houve questões que foram eliminadas e outras que foram reestruturadas, demonstrando que, pelo menos, houve comparação com o trabalho inicial.

Os outros grupos também reformularam as entrevistas, recorrendo estes aos esquemas orientadores por forma a melhorar os seus guiões iniciais, embora continuassem a surgir dúvidas.

Este primeiro momento foi de intervenção no conteúdo dos guiões inicialmente construídos.

Enquanto circulava pelos grupos ia percebendo que continuavam a surgir dúvidas, estas de tipo formal. Com isto, verifiquei que ainda necessitavam de organizar o seu texto numa macroestrutura na elaboração das perguntas- como colocar as questões- e também necessitavam da adequação da linguagem. Já previa que sentissem estas dificuldades até porque ainda não tinha trabalhado com eles estas questões, mas a minha ideia era criar desafios que passassem por diferentes patamares, aumentando a exigência progressivamente.

5.3. Terceiro momento de intervenção: Terceira versão da entrevista - última

Numa terceira fase, na aula seguinte, refletimos acerca do que fizéramos no dia anterior. Este processo de reflexão, acerca do que foi realizado anteriormente, é fundamental, pois ajuda

os alunos a consciencializarem-se acerca do que estão a fazer e a aprender, e a mim, ajudou-me a perceber se eles estavam a compreender todo o processo, para prever novas intervenções.

Professora: "O que estivemos a fazer ontem?"

A9: "A por as frases mais completas e a acrescentar coisas."

Professora: "E no quadro?"

A13: "Tivemos a fazer esquemas sobre o Lar e sobre os cargos."

Professora: "E o que falta fazer mais? Vocês sabem fazer entrevistas?"

A7: "Ainda não."

Professora: "Vocês estiveram a fazer como sabiam. Então, o que falta fazer? O que aprendemos ontem?"

A15: "Aprendemos coisas sobre o Lar e sobre os cargos."

Professora: "Agora falta aprender o quê?"

A7: "A fazer entrevistas."

Professora: Queremos então saber "Como deve ser elaborada uma entrevista" (escrevi no quadro).

(...)

Diário reflexivo- 7 de dezembro de 2011

Os alunos refletiram também sobre como seria a estrutura de uma entrevista, tendo eu organizado uma discussão à volta dos tópicos: o que vem no início? Como é desenvolvida? Como termina?, dando origem ao seguinte esquema:

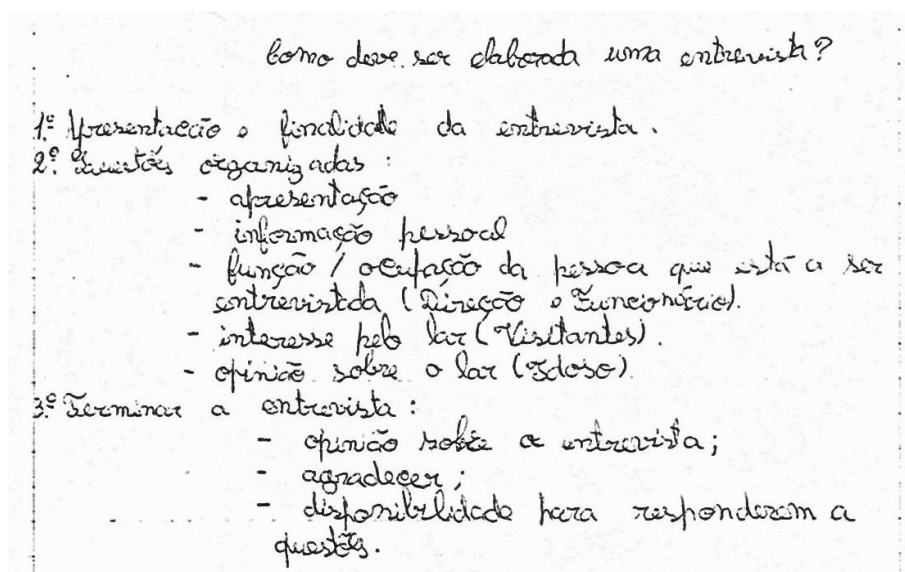


Figura 5 – "Brainstorming"- Como deve ser elaborada uma entrevista?

Como referi anteriormente, estes diálogos de reflexão ajudaram essencialmente a perceber se os alunos tinham entendido o que estavam a fazer e o que estavam a aprender. Creio poder afirmar que o diálogo acima transcrito demonstra que os alunos descrevem e têm noção do que estão a fazer.

Esta temática é complexa, pois não existe uma forma exata de realizar uma entrevista. A estrutura da mesma tem de fazer sentido para quem a está a fazer, tendo estes em consideração todas as condições da mesma (tipo de pessoa, o tema da entrevista, o assunto que é desejado, neste caso também é preciso ter em consideração quem a vai realizar- são crianças), pelo que senti que era mais significativo para os alunos, e para o trabalho em si que fossem eles a fazer a sua própria estrutura da entrevista. Contudo, há pontos-chave que devem sempre aparecer como princípios orientadores, e foi isso que tentei ajudar os alunos a perceber, remetendo-os para a estrutura de uma narrativa (parte inicial, desenvolvimento e conclusão- mencionado pelos alunos), mas com outras designações e outros conteúdos.

O conceito “finalidade” da entrevista foi um dos aspetos que explicitiei. Os alunos não conheciam o conceito/termo (embora fosse um conceito difícil para eles achei importante mencioná-lo, aprendendo assim uma nova palavra que, neste assunto em questão era fundamental). Foi muito importante para eles refletirem sobre esse aspeto através da questão “fazer a entrevista para quê?”, para que assim soubessem para que é que fazem as coisas, pois novas ideias podem surgir enriquecendo assim o produto/trabalho final. Assim sendo, os alunos estando mais conscientes do que estão a fazer podem modificar o guião com base nos seus objetivos da entrevista.

Os alunos leram as suas entrevistas nas quais era notória a limitação de informação que as questões solicitavam, ou seja, eram perguntas cuja resposta era maioritariamente *sim* e *não*, não tendo a pessoa entrevistada de desenvolver diálogo, não dando muitas informações pretendidas.

Posto isto, falámos da existência de dois tipos de questões (abertas e fechadas) e criámos um esquema no quadro que explicasse e exemplificasse cada tipo de pergunta (para ser de melhor compreensão para os alunos). Com esta conversa os alunos verificaram logo o que tinham de “tentar” alterar nas suas entrevistas.

Professora: “Como já conversámos, vocês tiveram dificuldades no tipo de questões, pois verificámos que as respostas às perguntas que prepararam seriam “sim” e “não” não era?”

Como se poderiam chamar essas perguntas? Existem dois tipos...”

A8: “Incompletas e Completas.”

Professora: “Estás próxima A8...”

(...)

Professora: "O que é uma questão fechada?"

A10: "A outra pessoa diz sempre sim e não."

Professora: "Então o que acontece nessa questão?"

A13: "A resposta não se desenvolve, é só "sim" ou "não"."

Professora: "Então, vamos dar alguns exemplos de perguntas deste tipo..."

A14: "Gosta do Lar?"

(...)

Professora: "Já demos alguns exemplos de perguntas fechadas... e as outras são as...?"

A13: "Abertas."

A15: "Livres."

Professora: "São abertas...mas também podem ser livres! Porque A15?"

A15: "Porque leva as pessoas a pensar na resposta."

A7: "Respondem mais..."

A6: "As pessoas estão a justificar a resposta, nas outras não justificam nada!"

A8: "Tem mais desenvolvimento!"

Professora: "Muito bem! Vamos dar alguns exemplos..."

A6: "Quais são as atividades que faz no lar?"

A10: "O que aprende no Lar?"

(...)

Professora: "Vou fazer algumas perguntas e vocês vão dizer-me de que tipo são, pode ser?"

_Saíste no Fim-de-semana?

_A9: Não.

Alunos: "É fechada, porque com sim e com não só sabemos se A9 saiu no fim de semana."

Professora: "Então como podíamos torna-la aberta?"

A9: "O que fizeste no fim de semana?"

Professora: "Isso mesmo A9, assim a outra pessoa ia dizer tudo o que fez..."

(...)

Diário reflexivo- 7 de dezembro de 2011

Este diálogo teve como tela de fundo o seguinte esquema, registado no quadro e no caderno dos alunos:

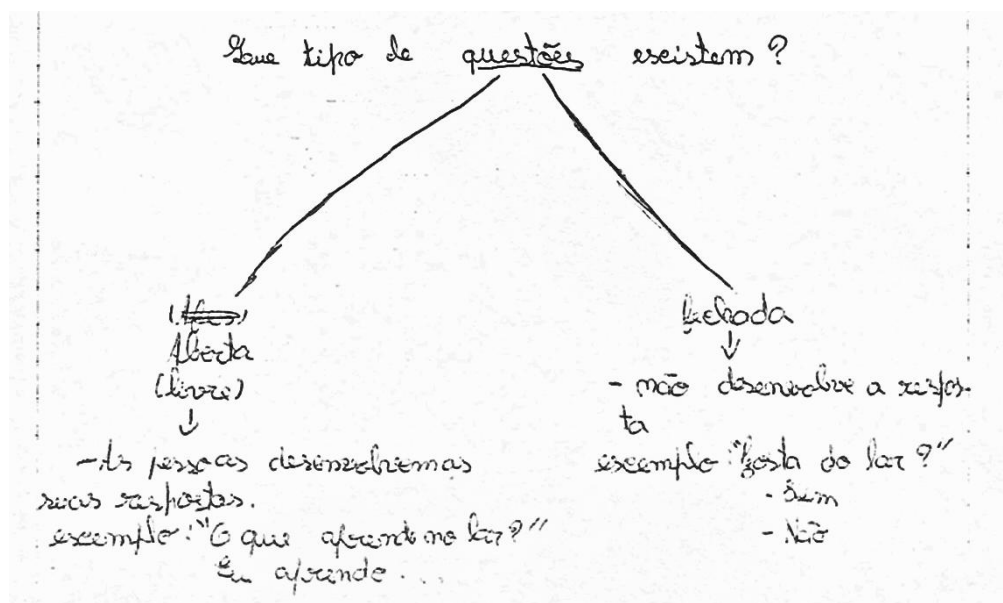


Figura 6- "Brainstorming"- Que tipo de questões existem?

Enquanto conversávamos e realizámos este esquema, os alunos foram dando exemplos de questões (dos dois tipos), fazendo eu também o exercício contrário, fazendo a pergunta e os alunos identificavam o tipo de questão.

Assim, depois de perceberem o que tinham de fazer, os alunos utilizaram a segunda versão da entrevista e criaram então a versão final.

Como verificámos no diálogo acima, foram dados vários exemplos de questões mas, quando estavam a trabalhar nas entrevistas, embora conseguissem melhorar grande parte das suas questões, verifiquei que em algumas eles estavam confusos, não conseguindo alterá-las.

Num dos grupos, verifiquei que adotaram uma estratégia. Como também tinham questões fechadas, eles acrescentaram duas hipóteses de resposta:

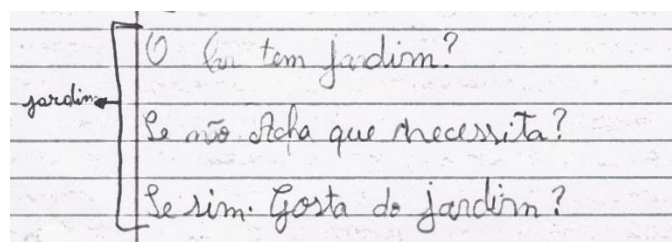


Figura 7- Exemplo de estratégias do grupo

Foi interessante verificar que os alunos arranjaram uma alternativa ao problema que estavam a sentir, prevendo dois tipos de resposta por parte da pessoa entrevistada, pois as questões de uma entrevista não têm de ser todas obrigatoriamente abertas. Também neste exemplo é visível que os alunos agruparam as suas questões por temas, de forma a organizá-las para a estrutura final. Aproveitei as estratégias que este grupo adotou propondo que estes partilhassem com os colegas as mesmas.

Nesta aula, porque se aproximava o dia da visita, trabalhei pessoalmente grupo a grupo, pois desta vez o objetivo era o de elaborar a entrevista final, tendo estes acesso todas as entrevistas que tinham realizado anteriormente e aos esquemas que estavam registados no caderno diário, para ajudá-los e orientá-los.

Entrevista
Lar da Santa Casa da Misericórdia

1ª Apresentação e finalidade da entrevista.
Bom dia!
Sou da escola EB1/JI de Chelva.
Esperamos que colabore com a nossa entrevista, para avançarmos mais sobre a cidadania.

2ª - Questões organizadas:

Como se chama?
Dá-se importância de nos dizer a sua idade?
Fique tipo de brincadeiras fazia quando tinha a mesma idade?
onde brincou na escola?
Se sim até que ano? Se não porquê?
Qual era a sua profissão?
Tem família? A sua família costuma visitá-lo?
Se sim o que costuma fazer com a família que o vem visitar?
Qual é a sua opinião sobre o lar? Porquê?
Se pudesse mudar alguma coisa no lar o que mudaria?
Quais as atividades que costuma fazer no lar?
Se pudesse sugerir novas atividades mais sugeria?
Costuma sair do lar? Se sim que locais costuma visitar?

3ª parte terminar a entrevista

Pode dizer-nos a sua opinião sobre a entrevista?
Esperamos de nos perguntar algo?
Muito obrigado pela sua disponibilidade desejamos-lhe a continuação de um bom dia.

Figura 8- Entrevista final escrita em papel seguindo os esquemas do Brainstorming

De acordo com a entrevista aqui apresentada, posso rapidamente analisar a mobilização das aprendizagens realizadas no decorrer das aulas, pois é notória a utilização da estrutura da

entrevista e, paralelamente a isso, a estratégia que um dos grupos havia aplicado (partilhando a mesma aos colegas), foi repescada pelos restantes grupos, reagrupando as questões por categorias/temas; o tipo de questões apresentadas, na sua maioria abertas, criou um desafio aos alunos relativamente àquelas que não o eram, sendo, contudo, que estes conseguiram sugerir hipóteses; e o cuidado que apresentam na linguagem ao se dirigirem à pessoa entrevistada. Quanto à adequação da linguagem, os alunos não tiveram nenhuma atividade específica mas, no decorrer de todas as tarefas, colocavam-me questões e questionavam-se mutuamente, sobre como seria a forma mais adequada para falarem e se exprimirem, mostrando uma grande sensibilização e consciência face ao que estavam a fazer, construindo assim as suas aprendizagens neste âmbito.

No decorrer de todo o trabalho, todos os alunos, de cada grupo, foram escrevendo as entrevistas que iam elaborando mas, dada a ausência de tempo, as questões não se encontravam devidamente memorizadas, pedindo-lhes para transcreverem a entrevista no computador (Magalhães), no Word, recorrendo assim ao uso das TIC. Os alunos estavam habituados a esta dinâmica dentro de sala de aula e foi notória a satisfação e empenho com que o fizeram. Paralelamente a isto, penso que esta situação foi extremamente produtiva, pois permitiu-lhes reler e verificar se as frases/questões estavam bem construídas e se tinham erros ortográficos, fazendo a correção enquanto transcreviam.

No dia anterior ao da realização da entrevista, os alunos imprimiram uma cópia para se prepararem (nos diferentes papéis: entrevistador, câmara-man, escritores) e para que todos eles pudessem tirar os seus apontamentos sobre o *momento da entrevista* (pré-entrevista – momento antes da entrevista; durante a entrevista- registado via áudio e imagem (salvo percalços técnicos); e pós-entrevista- na eventualidade de não ficar tudo registado no momento de gravação, mas que seja relevante para o trabalho).

Face a isto, questionei-os acerca dos seus interesses, e em grupos decidiram o que cada um iria fazer (entrevistador, câmara-man, escritores). Achei importante que todos os alunos participassem no processo, dentro dos seus grupos, para que todos os alunos sentissem que estavam a contribuir para realização da entrevista. Também achei pertinente, com cada grupo, realizarmos um ensaio, verificando assim se estavam confortáveis nas suas funções e se se encontravam preparados para a tarefa.

Verifiquei que todos os alunos estavam entusiasmados com a visita e foi notório o empenho/“estudo”, realizado em casa.

5.4. Quarto momento de intervenção: Realização da entrevista - visita ao Lar de Idosos

No dia 14 de dezembro de 2011, realizamos a visita ao Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia, onde os alunos efetuaram as suas entrevistas e onde também prestaram a sua solidariedade/voluntariado e proporcionaram aos idosos um dia diferente, com visitas de crianças, um dia de festa, criando momentos de diversão com a apresentação de uma dramatização natalícia e músicas acompanhadas de instrumentos musicais.

Nesse dia, deparei-me com reações inesperadas por parte dos alunos, pois apesar da sua postura responsável, estavam ansiosos e nervosos.

Este meu projeto de investigação estava interligado com outro projeto, e como tal, antes da visita, como se tratava de um assunto delicado, eu e a minha colega de estágio sensibilizámos os alunos face àquilo que poderiam vir a assistir (muitos idosos dependentes de outras pessoas, com atitudes apáticas, etc.). Estava receosa quanto a isso, pois a realidade, quando visualizada e vivida é muito mais dura. O nosso objetivo era o de sensibilizar as crianças para o facto de existirem pessoas que têm limitações físicas, que na maioria dos casos não têm famílias, e o quão importante são as visitas e o espírito de voluntariado.

Não estava acordado com a instituição ver só idosos nestas condições (tinham cerca de 30 idosos, todos eles em cadeiras de rodas e pouco entusiastas), mas por motivos institucionais e de rotina, houve muitos idosos que não estiveram presentes, nomeadamente os que eram autónomos.

Com tudo isto verifiquei que as crianças têm um poder de superação muito positivo, pois não mostraram qualquer constrangimento, muito pelo contrário, mostraram uma maturidade de que eu, pessoalmente, não estava à espera.

No momento de realizar as entrevistas, como decorreram todas em simultâneo, só consegui presenciar duas (Direção e Idosa), recorrendo assim à ajuda da minha colega de estágio e à professora de Expressão Dramática que acompanharam os restantes grupos.

Nas entrevistas que presenciei, no geral, os alunos tiveram um bom desempenho na execução das diferentes funções. Durante o processo foi curioso observar as estratégias que cada um adotou para a realização do seu papel. Os entrevistadores seguiram o guião, lendo as questões; os que filmaram também estiveram à altura do esperado, embora num dos grupos a aluna não tivesse aproveitado todos os momentos importantes da conversa com a idosa entrevistada, pois estava distraída com o meio envolvente. Quem mostrou maior dificuldade foram os alunos que estavam a escrever, pois o ritmo oral é diferente do ritmo escrito.

Também foi interessante ver as estratégias que os alunos, que entrevistaram a idosa, utilizaram. A aluna que entrevistou fez as questões todas do guião que levava mas, a dada

altura, quando a entrevista terminou (a do guião e final da gravação), a aluna lembrou-se de outras perguntas colocando-as à idosa. Quanto aos que escreviam, quando terminou a entrevista, foram perguntar novamente à idosa as mesmas perguntas, pois não tinham conseguido escrever todas as respostas que a idosa tinha dado. Foi muito curioso ver o interesse que eles mostraram em completar a entrevista e exercer corretamente as suas funções, assim como o diálogo construído posteriormente à gravação. pena que estes momentos não tenham ficado registado via vídeo/áudio.

Em conversa com as outras professoras que acompanharam os outros dois grupos, o feedback foi positivo. No geral, correram todas bem.

No dia seguinte, em grande grupo, conversámos sobre a visita de estudo, as aprendizagens, e as dificuldades sentidas, etc... Face a isto, para ter conhecimento acerca da opinião dos alunos sobre a visita, questionei-os acerca da mesma:

Professora: “Quem quer falar da visita de ontem? ... Ninguém? ... Gostaram?”

Alunos: “Sim.”

Professora: “Porquê?”

A13: “Foi interessante.”

A7: “Porque já sabemos as dificuldades que vamos ter quando formos idosos.”

Professora: “Porque dizes isso?”

A7: “Porque não vou andar tanto como agora.”

Professora: “Acham que só foi essa a importância da visita?”

A9: “Assim pude conviver mais com pessoas com dificuldades.”

A4: “Vimos Idosos. E falamos para eles.”

Professora: “O que viram no Lar?”

A6: “Idosos em cadeiras de rodas.”

Professora: “Pois é... quase todos estavam em cadeiras de rodas. Porque é que só estavam estes idosos?”

A8: “Porque os outros foram à missa.”

(...)

Diário reflexivo- 15 de dezembro de 2011

A conversa revela que os alunos ficaram sensibilizados com o que observaram, mas também ficaram conscientes de que um dia também vão ser idosos e vão ter as mesmas dificuldades.

Posteriormente a isto falaram acerca da entrevista:

Professora: “Agora vamos falar um pouco sobre a entrevista... Como se sentiram a fazer a entrevista?”

A13: “Estava com medo de me enganar nas palavras.”

A7: “Estava nervoso.”

A4: “Tive medo de me perder nas palavras, porque eu estava a escrever.”

Professora: “O que é que devias ter feito?... Avançavas e não interrompias a perguntar onde estavam...”

A10: “Eu no final perguntei à pessoa de novo. Pedi para repetir.”

Professora: “Pois foi, foi uma boa estratégia da tua parte! E mais sobre a entrevista... quem estava a filmar... O que acharam?”

A15: “Estava-me a cansar.”

(...)

Professora: “A13 como correu a entrevista?”

A13: “Foi fácil.”

Professora: “A6 e a tua?”

A6: “Gostei da idosa, era simpática.”

Professora: “E o que te aconteceu na entrevista?”

A6: “Fiz mais perguntas que não estavam no papel.”

Professora: “E isso quer dizer o quê?”

A13: “Ela improvisou...”

Professora: “Pois foi, esteve muito bem a A6. Isso quer dizer que ela sentiu necessidade de aproveitar outras perguntas que tinham sido feitas anteriormente mas que não tinham sido escolhidas para a entrevista final. Ela enriqueceu-a. Muito bem A6!”

(...)

Diário reflexivo- 15 de dezembro de 2011

Durante a conversa, falámos também do papel que cada aluno desempenhou, para que todos os alunos partilhassem entre si as suas experiências nas suas funções e, paralelamente a isso, enriquecendo o momento com a partilha de conhecimentos, pois, no que diz respeito à entrevista, os grupos conheciam apenas a sua, daí ser importante esta troca de saberes adquiridos.

Professora: “Agora, em mais ou menos 20 minutos, vão escrever sobre a visita ao Lar. Na parte de cima da folha, vão escrever sobre o Lar: O que sentiram; O que estavam à espera de encontrar e se isso se concretizou; ... e depois deixam duas linhas e

escrevem sobre a entrevista: O que correu bem ou o correu mal e porquê, As estratégias que utilizaram, etc... Alguma dúvida?"

(realizei um esquema no quadro com estas questões para eles se orientarem)

Diário reflexivo- 15 de dezembro de 2011

No final desta partilha os alunos escreveram num pequeno texto acerca daquilo que sentiram face ao *lar* e quanto à *entrevista* (propus que os alunos fizessem esta distinção, pois embora tivessem sido duas situações interligadas, diziam respeito a dois projetos distintos, facilitando a recolha de dados e a consciencialização dos alunos face a cada situação).

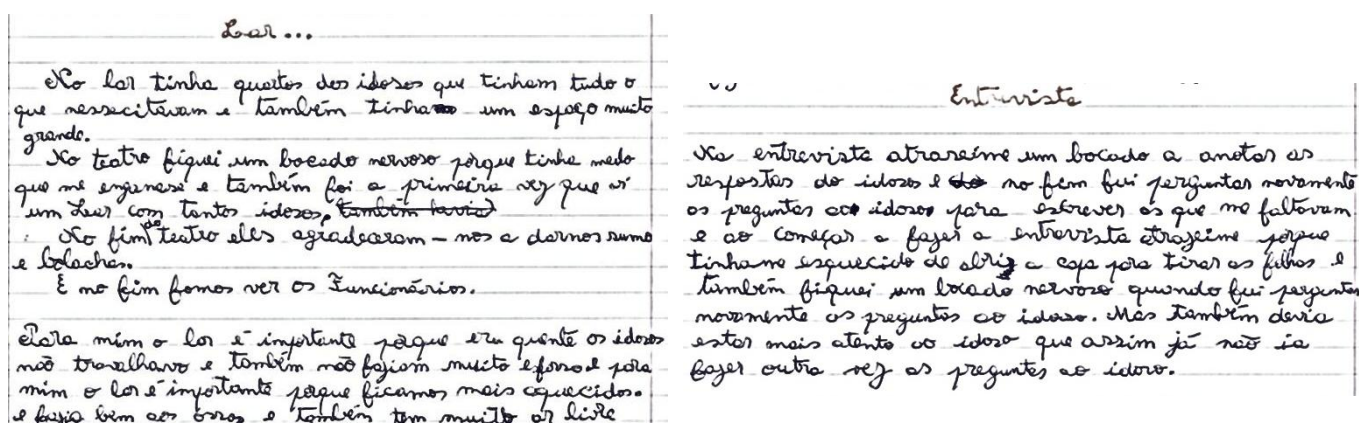


Figura 9 - Exemplo de comentário- realizado a 15 de dezembro de 2011

À esquerda, no comentário ao Lar, o aluno reflete essencialmente acerca das características que o lar apresentava para acolher os idosos. É notório o interesse deste aluno quanto às instalações, condições necessárias para o bem-estar diário dos idosos. Desta forma, penso que este aluno tinha curiosidade em conhecer o Lar na realidade.

À direita, no comentário à entrevista, o aluno descreve as situações que lhe aconteceram no decorrer da mesma, mencionando a estratégia que adotou no momento. Não refletiu quanto à importância da atividade.

Com esta tarefa verifiquei que, para alguns alunos era difícil falarem sobre este assunto, e transcreverem o que sentiram para papel.

Posteriormente à visita, deu-se início ao período de férias de Natal, ficando a continuidade do projeto em espera.

5.5. Quinto momento de intervenção: Visualização e transcrição das entrevistas

De regresso à escola, após o período de férias de natal, reuni todos os vídeos (das entrevistas) e levei-os para a sala de aula para que os alunos pudessem visualizar e ouvir o que tinham feito e dito. No final de cada visualização houve um momento de reflexão e partilha de opiniões entre professor e alunos.

O momento foi também aproveitado para relembrar todo o processo que estava para trás.

Após terem sido visualizadas as entrevistas, era interessante e importante que os alunos fizessem a transcrição das mesmas, para que posteriormente pudessem trabalhar na reportagem.

Estava preocupada com o sucesso desta atividade que estava a propor aos alunos, pois para além de algumas das entrevistas não apresentarem as melhores condições de som, também o tipo de linguagem utilizado pelas pessoas que foram entrevistadas não estava adequada para crianças de 4.º ano, daí achar que eles iriam sentir algumas dificuldades em desenvolvê-la.

Este exercício de transcrição era de elevada importância para os alunos desenvolverem competências linguísticas. Era essencial fazer com que os alunos percebessem que quando falamos, quando nos exprimimos oralmente, não obedecemos a determinados cuidados linguísticos, que na escrita são obrigatórios. Isto refletiu-se nos comentários que os alunos fizeram enquanto faziam a transcrição:

A4: *“Às vezes não se percebia o que a pessoa dizia”*

A7: *“As frases não fazem sentido!”*

A15: *“Ela baralhava-se nas ideias.”*

A6: *“A idosa falava de maneira diferente, tinha sotaque e utilizava termos como “cachopa”.”*

Diário reflexivo- 17 de janeiro de 2012

Face a estes comentários observei que os alunos tinham plena noção do que estavam a executar, identificando logo estas características.

Os alunos questionavam-se: “Será que ouvi bem?”, “Foi isto que disse? Mas não faz sentido!”.

Segundo Szymanski, H. (2008:74), *“a transcrição é a primeira versão escrita do texto da fala do entrevistado que deve ser redigida, tanto quanto possível, tal como ela se deu. Ao escrever faz-se um esforço no sentido de passar a linguagem oral para a escrita, ou seja, há um esforço de tradução de um código para outro, diferente entre si”*.

De acordo com o referido pela autora, indiquei aos alunos que deviam transcrever o que as pessoas entrevistadas disseram o mais fielmente possível, incluindo até momentos de paragem de ideias, sons, etc... Com isto reforço os comentário que os alunos fizeram inicialmente.

Segundo a mesma autora, “ *O processo de transcrição de entrevista é também um momento de análise, quando realizado pelo próprio pesquisador. Ao transcrever, revive-se a cena da entrevista, e aspectos da interação são lembrados.*” (Szymanski, H. (2008:74)).

Foi interessante observar as estratégias que os alunos utilizaram, como cooperaram uns com os outros e como se organizaram para o trabalho. Rapidamente verifiquei que todos os grupos adotaram a mesma estratégia (ouviam uma frase, colocavam em pausa e transcreviam).

Os alunos encontravam-se distribuídos pelos quatro cantos da sala, cada um com o seu computador e colunas, transcrevendo o que ouviam para papel. A situação parecia confusa, mas todos os grupos estavam a conseguir trabalhar, demonstrando todos eles que estavam concentrados e empenhados no trabalho que estavam a desenvolver.

No final da tarefa, tivemos a oportunidade de refletir acerca do que tinha sido realizado, partilhando entre todos as dificuldades sentidas.

O grupo que entrevistou a Direção teve uma maior dificuldade na transcrição, dado ser a entrevista mais longa e na qual a pessoa entrevistada utilizava uma linguagem mais complexa, desadequada para estas idades.

Posteriormente às transcrições das entrevistas pedi aos alunos que fizessem novamente a transcrição da mesma para formato digital, para word, à semelhança do que realizaram anteriormente (quando elaboraram a entrevista).

Reunidas todas as transcrições, a primeira parte do meu projeto ficou concluída, pois a entrevista chegara ao fim. Contudo, todo o trabalho realizado até aqui tinha por finalidade a recolha de dados para realizarem uma reportagem.

5.6. Sexto momento de intervenção: Iniciação do ciclo de escrita: a planificação- a estrutura de uma reportagem

Nesta aula, distribuí por cada aluno uma cópia das respetivas transcrições das entrevistas e questioneei-os acerca do que poderia ser feito com o que tínhamos recolhido/realizado até então.

Professora: “Agora, que já têm todos as entrevistas... o que acham que vamos fazer com elas?”

Alunos: (não respondem)

Professora: “Se calhar tivemos este trabalho todo... de preparar a entrevista, reformulá-la, realizá-la, gravá-la, ouvi-la e transcrevê-la para nada... será?”

Alunos: “Não.”

Professora: “Então o que podemos fazer com estes dados que recolhemos?”

Diário reflexivo- 24 de janeiro de 2012

Neste momento do diálogo pretendia avaliar o impacto da realização da sequência didática (na elaboração e realização da entrevista) nos alunos, ou seja, de que forma é que estes tinham consciência do que aprenderam e que importância é que atribuíam de forma a mobilizar estas aprendizagens, os conhecimentos adquiridos no processo anterior, para a realização de atividades de estudo em intervenções futuras.

Os alunos foram dando ideias:

A10: “Podemos juntar tudo e por na net.”

Professora: “Boa ideia! E como podemos fazer isso?”

A7: “Em programas especiais.”

Professora: “Sim... mas será que vocês conseguem fazer isso?”

Alunos: “Não.”

Professora: “Então vamos pensar noutra forma de o fazer...”

Alunos: (pensam)

(...)

Professora: “Por exemplo, quem vê o telejornal?”

Alunos: (a maioria levanta o dedo)

Professora: “Muito bem! O Telejornal é constituído pelo quê? Ou seja... o que aparece lá?”

A13: “Notícias!”

Professora: “Muito bem A13! Notícias! Então o que acham que podemos fazer?”

Alunos: “Uma notícia.”

Professora: “E do que iria falar a nossa notícia?”

A13: “Sobre o lar.”

A7: “As pessoas entrevistadas...”

Professora: “Mas eu tenho uma dúvida... o que será uma notícia?”

A9: “Conta-nos o que aconteceu!”

A13: “É um acontecimento!”

(...)

Professora: “Então uma notícia é...”

A13: *“Quando alguém conta algo...um acontecimento!”*

Professora: *“Exatamente! Mas... eu continuo com outra dúvida. Se uma notícia conta uma história, vocês podem fazer uma notícia com as vossas entrevistas?”*

Alunos: *“Sim.”*

Diário reflexivo- 24 de janeiro de 2012

Neste diálogo mostra os pré-conceitos que os alunos têm acerca da realização de uma notícia. Segui o diálogo por forma a orientá-los para a reportagem.

Professora: *“Mas... As entrevistas são todas iguais?”*

Alunos: *“Não!”*

Professora: *“Então... que outro nome pode ter o trabalho que vamos realizar? Porque nós queremos fazer o quê?”*

A10: *“Juntar tudo.”*

Professora: *“Isso mesmo! Como vocês vêem o telejornal, sabem que às vezes...normalmente é no fim de semana... dá uma “notícia especial”. Sabem como se chama?”*

Alunos: *(pensam)*

Professora: *“Re...por...!”*

A15: *“Já sei Reportagem SIC!”*

Professora: *“Pois é... Então, qual será a diferença entre uma notícia e uma reportagem?”*

A13: *“Uma notícia é uma história...Algo que acontece de novo! Uma reportagem (pensa)...”*

(...)

Diário reflexivo- 24 de janeiro de 2012

Neste excerto do diálogo, é claro que os alunos conheciam o termo reportagem, mas não estavam a fazer a associação com o nosso próprio trabalho. Contudo, pensavam na forma como estavam associados os conceitos ‘notícia’ e ‘reportagem’:

Professora: *“Pensem no que já disseram... A A13 disse uma coisa importante! A reportagem pode ser...”*

A15: *“É filmado.”*

A13: *“Em vídeo e escrito.”*

(...)

Professora: “Então para fazermos uma reportagem precisamos de fazer o quê?”

A13: “Juntar tudo... montar.”

Professora: “Isso mesmo A13. Mas se montarmos tudo vamos ficar com o quê?”

A9: “uma história.”

Professora: “Vamos pensar todos! Vocês têm 4 entrevistas... São todas iguais?”

Alunos: “Não.”

Professora: “Então elas são todas diferentes. Se quisermos fazer uma montagem de todas as entrevistas, todas as histórias, a reportagem é...”

Alunos: (pensam).

Professora: “A junção...”

A13: “de várias histórias.”

Professora: “Muito bem A13!”

Diário reflexivo- 24 de janeiro de 2012

Seguindo a mesma lógica e fio condutor do processo utilizado no âmbito da entrevista, realizámos, novamente, um brainstorming onde os intervenientes foram levados a pensar no que seria uma reportagem (o que é uma reportagem? diferente/ igual/ semelhante à entrevista?...).

Enquanto conversávamos acerca de tudo isto fomos elaborando um esquema no quadro com as definições que íamos atribuindo a entrevista, notícia e reportagem, transcrevendo os alunos o mesmo para o caderno diário. Este esquema ajudou-os a perceber a diferença/ ligação que estes três pontos têm entre si.

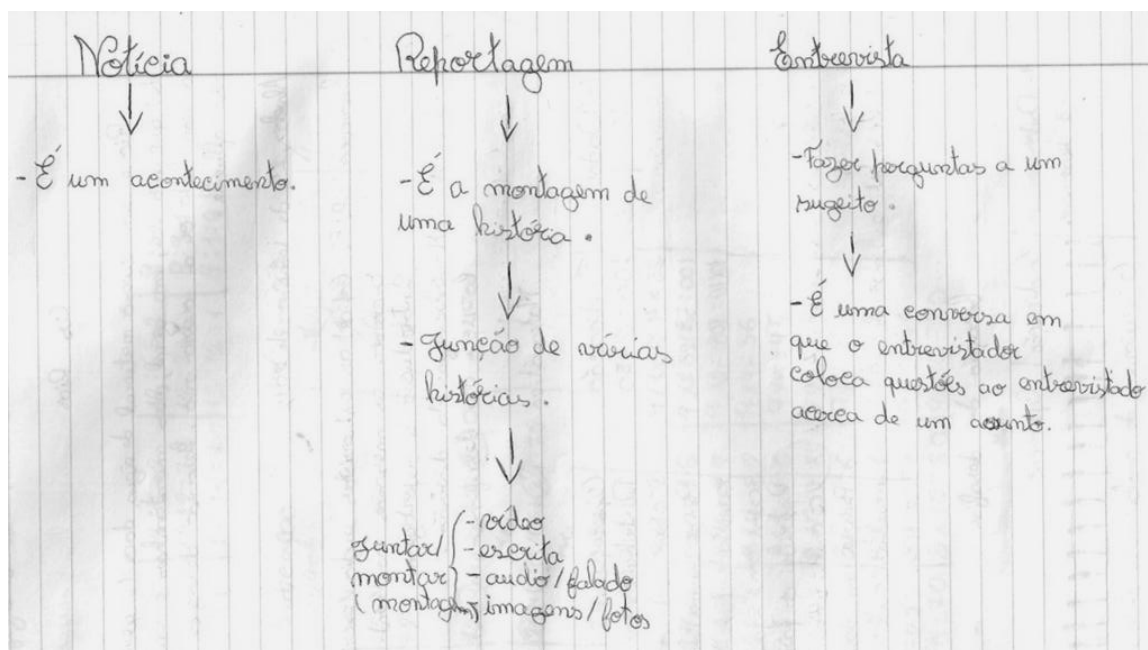


Figura 10- Brainstorming Notícia - Reportagem - Entrevista

Desta forma, como mostra o esquema, os alunos definiram reportagem como sendo a montagem de uma história (constituída com uma parte inicial, desenvolvimento e conclusão) - reportagem final - originada a partir de várias histórias (elaboradas uma por grupo), por forma a contar uma história a alguém (comunidade). Então, a partir daqui surgiu a tarefa seguinte.

Foram então organizados novamente os grupos e de acordo com os dados obtidos na entrevista, foram selecionadas, nas respetivas entrevistas, as situações consideradas mais importantes e de destaque para referência na reportagem.

As dúvidas e dificuldades, que surgiram na entrevista, repetiram-se, pois não sabiam se a estrutura da reportagem era *igual à/diferente à* da entrevista; qual seria o “tema”, uma vez que tinha de ser comum a todas as entrevistas (eram distintas, com pessoas diferentes, e os dados obtidos também). Então, lemos todas as entrevistas e tentámos encontrar aspetos comuns em todas elas de forma a chegar ao Tema/objetivo da reportagem.

Face a isto, no seguimento da conversa, dialogámos acerca de como seria a estrutura da reportagem relembrando, em simultâneo, o trabalho que tínhamos realizado com a entrevista. Achei importante fazer esta relação, pois para além de os fazer relembrar de trabalho que estava para trás, ajudou-me a perceber as aprendizagens por eles realizadas.

Professora: “Então, agora que sabemos o que é uma reportagem... Como será que ela se faz?”

A10: “Vamos a um dado sítio e fazemos a montagem.”

Professora: “Sim... mas já vamos a esses pormenores, vamos tentar primeiro pensar na estrutura... Pensem nas reportagens que vêem na TV. Qual é a primeira coisa?”

A13: “O título.”

Professora: “Muito bem! Mas o título tem que dizer o quê A13?”

A13: “O Assunto, o tema.”

Professora: “Isso mesmo! E depois? Vêm logo os vídeos?”

A10: “Não. Tem texto.”

Professora: “O que fizeram na entrevista antes das questões?”

A9: “A apresentação.”

Professora: “Então é este texto, A10, de que falavas?”

A10: “Sim!”

A13: “Mas agora temos de dizer do que vamos falar...”

Professora: “E isso é o quê?”

A9: “É o que vai ser falado.”

A13: “É a introdução.”

Professora: “Muito bem! Depois tínhamos o quê? Pensem nas entrevistas... Pensem nas narrativas... Como se fazem?”

A13: “tem introdução, desenvolvimento e conclusão.”

Professora: “Então o que nos falta a seguir?”

A13: “O desenvolvimento da história.”

Professora: “Então no desenvolvimento é onde vão aparecer as entrevistas, as ideias mais importantes... de forma a contar uma história.”

(...)

Diário reflexivo- 24 de janeiro de 2012

Com esta conversa chegámos então à estrutura da reportagem.

Todos os alunos ficaram a perceber como era realizada uma reportagem, através também de um esquema que ficou registado no caderno diário.

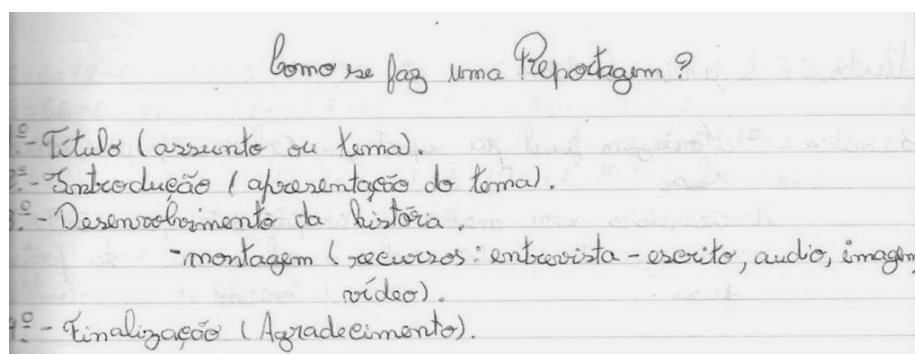


Figura 11 – “Brainstorming” Como se faz uma Reportagem?

O principal objetivo desta aula era fazer com que fossem percebidas as diferenças entre o trabalho até então executado, a entrevista, e o trabalho que iria ser realizado, a reportagem. Com isto, era extremamente importante que os alunos percebessem o que iriam fazer com os dados recolhidos, ou seja, a importância que estes tinham para que o trabalho progredisse. Desta forma, distribuí por cada um deles as cópias das suas entrevistas, para lerem e sublinharem a informação mais importante. O objetivo era que percebessem a importância de uma boa recolha de dados, para trabalhos futuros, e que é a partir destas informações/ materiais obtidos, que podemos dar continuidade aos trabalhos ou criar novos, dando origem a um bom produto final.

5.7. Sétimo momento de intervenção: Continuação do ciclo de escrita: a identificação e seleção de dados mais relevantes das entrevistas, terminando a planificação, e a realização da textualização

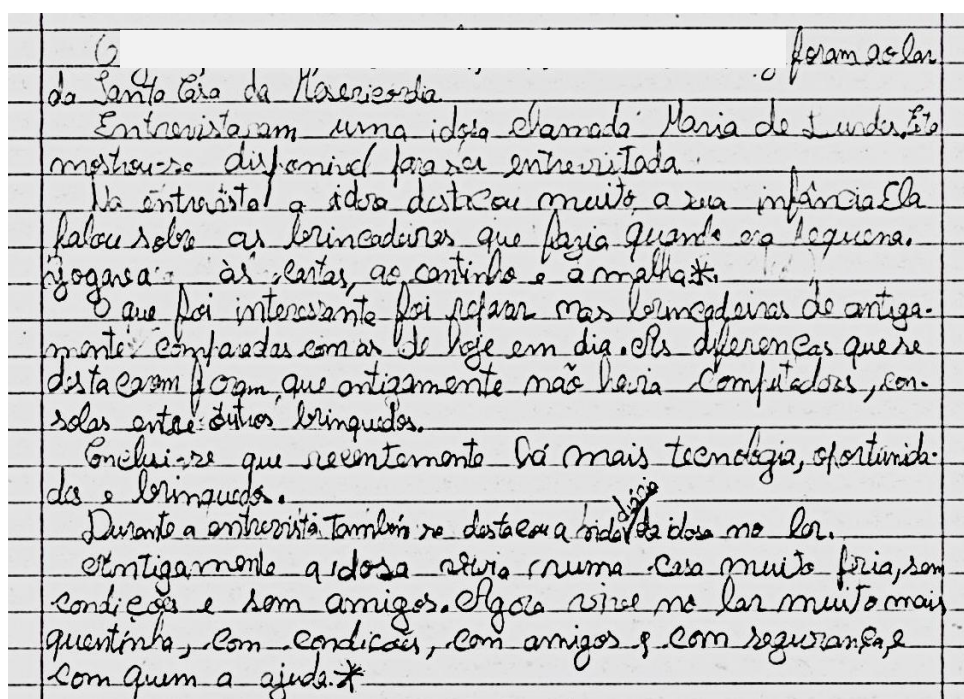
Assim sendo, reunidos pelos seus grupos de trabalho, os alunos tentaram criar uma história (com as suas entrevistas) para que no final, em grande grupo, juntássemos todas as histórias criando desta forma uma única história- a reportagem.

A tendência geral dos alunos foi a de sublinhar tudo, pois não tinham noção do que realmente era importante e relevante. Intervim explicando-lhes novamente a tarefa dando-lhes orientações de realização (sublinhar conteúdos que estivessem presentes em todas as entrevistas- que fossem comuns), pois de outra forma eles iriam perder imenso tempo e poderiam não conseguir terminar a tarefa. **(entrevistas transcritas em anexo)**

Não foi uma tarefa muito fácil, foi complexa e confusa, uma vez que os dados obtidos, em algumas entrevistas eram limitados (com pouca informação), e num dos grupos tínhamos um discurso confuso e inadequado para crianças com estas idades (com informação repetida baralhando-se algumas ideias).

Mas, trabalhando de forma cooperante com os alunos, foram obtidos bons textos. Senti uma enorme necessidade de os ajudar, tentando sempre que as ideias partissem deles mas orientando-os na construção e formulação das suas ideias.

No final, com os textos todos reunidos, cada grupo partilhou, lendo, o seu texto à turma para que, a partir daqui, construíssemos o texto final – Reportagem.



6 foram as lar
da Santo Gato da Macieira
Entrevistamos uma idosa chamada Maria de Lurdes. É
muito-se disponível para a entrevista.
Na entrevista a idosa destacou muito a sua infância. Ela
falou sobre as brincadeiras que fazia quando era pequena.
Jogava às cartas, ao cartão e à malha.
O que foi interessante foi falar nas brincadeiras de antiga-
mente, comparadas com as de hoje em dia. As diferenças que se
destacaram foram que antigamente não havia computadores, con-
solas entre outros brinquedos.
Conclui-se que recentemente há mais tecnologia, oportuni-
dade e brinquedos.
Durante a entrevista também se destacou a vida da idosa no lar.
Antigamente a idosa vivia numa casa muito fria, sem
condições e sem amigos. Agora vive no lar muito mais
quentinho, com condições, com amigos e com segurança e
com quem a ajuda.*

Figura 12- Exemplo de uma das histórias- realizada a 25 de janeiro de 2012

Neste grupo em particular, é notória a forma como os alunos foram capazes de elaborar uma história (seguindo a estrutura que lhes é conhecida- introdução, desenvolvimento e conclusão) a partir dos dados obtidos. Foram criativos, remetendo o tempo de antigamente, referido pela idosa, e comparando-o com a atualidade. Mostraram uma grande organização na forma como expuseram os conteúdos, relatando aqueles que foram os mais interessantes e pertinentes para a reportagem.

5.8. Oitavo momento de intervenção: Conclusão do ciclo de escrita: construção do texto integral da reportagem (junção dos textos)

Numa outra aula, recorrendo ao “data-show” para projetar o texto (permitindo uma visualização coletiva do que estava a ser realizado), procedemos à elaboração do texto que constituiria a reportagem.

À medida que fomos fazendo a montagem, integrando todos os textos, iam igualmente sendo feitas as correções que achássemos pertinentes para que o texto final fizesse sentido:

Professora: “O que nos falta fazer agora?”

A13: “A montagem dos quatro textos.”

Professora: “Isso mesmo. Mas vamos começar primeiro pelo início. Queremos construir o quê?”

Alunos: “Uma reportagem.”

A10: “Primeiro a Introdução.”

(...)

Diário reflexivo- 26 de janeiro de 2012

Neste diálogo era importante que os alunos sentissem necessidade de recorrer, novamente, ao esquema da estrutura da entrevista, pois era a partir do mesmo que iríamos elaborar o texto integral da versão final da reportagem, obtida através da montagem dos quatro textos. Assim sendo, relembrámos a estrutura e os alunos foram dando ideias e construindo as frases.

Seguindo então a estrutura, iniciámos a escrita do texto completo descrevendo os alunos e a escola que frequentam, de forma a fazer a apresentação. Depois de concluída a introdução da reportagem, questioneei os alunos sobre qual achariam ser a ordem mais adequada para aparecerem as pessoas que foram entrevistadas, para assim iniciarmos a escrita do desenvolvimento. A ordem era muito clara nas cabeças deles a ordem, pois seria pela ordem de “importância” para o Lar (ordem por eles atribuída: Idosa, Diretora, Funcionária e Visitante).

Com isto, inseri no mesmo documento word todos os textos pela ordem indicada pelos alunos (copiar-colar dos documento escritos por eles), e relemos o texto todo. Rapidamente os alunos perceberam que a parte inicial dos seus textos (apresentação dos elementos do grupo) teria que ser removida senão ficaria repetido com a informação inicial da reportagem (pois já referia toda a turma). Paralelamente a isto, os alunos, por tentativas, deram ideias para fazer a união entre os textos, embora com algumas dificuldades, para que no final ficasse somente um único texto coeso (objetivo principal- chegar a um texto- uma reportagem coletiva).

Professora: “O que está mal aqui?”

A5: “O se...”

(...)

Professora: “E aqui?”

A5: “O oriento. Porque não é ele que está a falar”

Professora: “...”têm em atenção às necessidades”...O que não está bem aqui?

A9: “É “tem” e não “têm”!”.

Professora: “E não é “às” necessidades...mas sim “as” necessidades!”

Diário reflexivo- 26 de janeiro de 2012

Este excerto mostra alguns momentos de correção que os alunos faziam aos seus textos, e aqueles que não eram identificados por eles eram mencionados e corrigidos.

Quando terminámos a união dos textos, procedemos à realização da parte final, a conclusão, onde os alunos sabiam perfeitamente o que tinham que dizer, pois como estão habituados a fazer nas ‘histórias’, este é o espaço para terminar e concluir o assunto, dando assim a opinião sobre o tema. Na análise do esquema da estrutura da reportagem já havia sido abordada a temática dos agradecimentos que deveriam constar também no final.

Assim, os alunos releeram o texto todo novamente para verificarem se fazia sentido, e se não tinha erros ortográficos ou frases mal construídas.

Após a construção do texto, os alunos selecionaram alguns colegas para os representar e procedemos às gravações da reportagem recorrendo ao espaço exterior (tendo a escola como tela de fundo). Contudo, criei um momento em que na reportagem todos os alunos participassem e aparecessem (criando assim um fator de satisfação e motivação).

Uma vez que o processo de montagem gráfica da reportagem é complexo para ser realizado pelos alunos, foi-lhes explicado que tal teria de ser realizado pela minha parte, explicando-lhes sucintamente como tal iria ser feito.

5.9. Último momento de intervenção: Autoavaliação das aprendizagens

Na fase final do projeto de investigação, os alunos preencheram uma ficha de autoavaliação, onde reuni todos os momentos/fases pelas quais tinham passado, fazendo-os refletir acerca do que aprenderam e de como aprenderam em cada um desses momentos/fases.

Durante um processo de ensino/aprendizagem é extremamente importante a existência de um momento reflexivo, para a consciencialização acerca do que está a ser ou foi feito.

Desta forma, e como referi anteriormente, no decorrer do meu projeto de intervenção foi criado um momento de autoavaliação. Foi notório que esta era uma prática à qual estes alunos estavam habituados, pois já fazia parte do hábito utilizado pela professora titular da turma. Neste caso, os alunos tiveram a oportunidade de serem ouvidos e de partilharem os seus sentimentos e aprendizagens com os colegas, tornando este momento ainda mais rico.

Foi construída uma grelha que tinha como principal objetivo a consciencialização dos alunos acerca do que tinham aprendido sobre cada um dos géneros discursivos (entrevista e reportagem) e de como tinham aprendido, manifestando desta forma as suas representações e escolhas acerca do modo como desenvolveram as suas aprendizagens no trabalho colaborativo, em grupo. A grelha foi organizada em duas partes muito semelhantes, estando cada uma centrada num dos géneros trabalhados e na forma como tinha sido trabalhado:

AUTO-AVALIAÇÃO
das minhas aprendizagens

Nome: _____ Data: ____/____/____

ENTREVISTA O que aprendi...

Coloca uma ou mais cruzes nas opções que considerares mais adequadas.

1. O que aprendi sobre a planificação de uma entrevista?

Aprendi que tenho de saber para que é que vou realizar a entrevista (finalidade). ☐

Aprendi que tenho de organizar as perguntas que vou fazer. ☐

Aprendi que posso fazer perguntas de diferente tipo (abertas, fechadas). ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

2. O que aprendi sobre a realização de uma entrevista?

Aprendi que a entrevista se pode fazer com a participação de diferentes pessoas com diferentes funções (quem pergunta; quem toma nota; quem tira fotografias ou vídeo). ☐

Aprendi que isso tem de se preparar antes da realização da entrevista. ☐

Aprendi que é necessário falar de uma maneira clara e pausada. ☐

Aprendi que é necessário estar com atenção para poder fazer outras perguntas. ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

3. O que aprendi sobre a transcrição de uma entrevista?

Aprendi que tenho de escrever todas as palavras que são ditas. ☐

Aprendi que tenho de pontuar as frases e ter em atenção os erros ortográficos. ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

4. Através das atividades que fiz, considero que: (escolhe apenas uma opção)

Comecei a aprender a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (eu antes não sabia nada). ☐

Ainda não aprendi a planificar, realizar e transcrever bem uma entrevista (eu já sabia algumas coisas mas tenho de saber mais porque não é suficiente). ☐

Aprendi a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (sabia fazer mas agora sei fazer melhor). ☐

Não aprendi nada de novo sobre como planificar, realizar e transcrever uma entrevista. ☐

5. O que gostei mais de aprender sobre uma entrevista?

REPORTAGEM (oral) O que aprendi...

Coloca uma ou mais cruzes nas opções que considerares mais adequadas.

6. O que aprendi sobre a planificação de uma reportagem?

Aprendi que tenho de saber para que é que vou realizar a reportagem (finalidade). ☐

Aprendi que tenho de escrever um texto (que depois é lido na reportagem oral). ☐

Aprendi que tenho de selecionar a informação mais importante (que já está recolhida). ☐

Aprendi que tenho de organizar a informação que vou incluir e construir um plano. ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

7. O que aprendi sobre a escrita do texto de uma reportagem?

Aprendi que tenho de transformar o plano num texto escrito. ☐

Aprendi que tenho de fazer a revisão do texto escrito para depois ser lido. ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

Figura 13- Ficha de autoavaliação pág. 1 e 2



8. O que aprendi sobre a edição oral de uma reportagem?

- Aprendi que tenho de conhecer bem o texto escrito. ☐
- Aprendi que tenho de ler bem o texto escrito para fazer a gravação. ☐
- Aprendi que tenho de ler devagar e com boa dicção. ☐

O que aprendi melhor foi: _____

O que não aprendi muito bem: _____

9. Através das atividades que fiz, considero que: (escolhe apenas uma opção)

- Comecei a aprender a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu antes não sabia nada). ☐
- Ainda não aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu já sabia algumas coisas mas tenho de saber mais porque não é suficiente). ☐
- Aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (sabia fazer mas agora sei fazer melhor). ☐
- Não aprendi nada de novo sobre como planificar, escrever e gravar uma reportagem oral. ☐

10. O que gostei mais de aprender sobre uma reportagem?

Figura 14- Ficha de autoavaliação pág. 3

Este tipo de exercício é importante para desenvolver a autonomia nos alunos, pois são levados a sistematizar conscientemente o que aprenderam e como o fizeram para aprender, sendo isto potenciador para mobilizar estes saberes/aprendizagens conscientes em outras situações futuras.

Professora: “Porque é importante este exercício de autoavaliação?”

A13: “Para relembrar.”

(...)

Professora: “A12 o que tu aprendeste?”

A12: “Aprendi que tenho de saber para que é a entrevista!”...

Professora: “Queres explicar como aprendeste?”

A12: “Fizemos um esquema...”

Professora: “O que respondeste em “O que aprendi melhor?”.”

A12: “Aprendi a organizar as perguntas”.

Professora: “E o que aprendeste menos bem?”

A12: “A finalidade.”

Professora: “O que podia ter acontecido para aprenderes melhor?”

A12: (silêncio).

Professora: “Quem ajuda a A12?...”

A15: “Eu criava confusão. Não sabia como organizar...”

A7: “Não sabíamos como começar.”

Professora: “Como podíamos melhorar?”

A7: “Fazer uma planificação.”

Professora: “E como a organizavas?”

A7: “Púnhamos as dificuldades e ao lado a explicar o que era e como fazer melhor.”

(...)

A7: “Não aprendi muito bem a fazer perguntas abertas. Antes só fazia fechadas.”

Professora: “Mesmo aprendendo a diferença entre perguntas abertas e fechadas, e dando exemplos delas, foi fácil colocar na entrevista?”

A7: “Não. Porque tínhamos que mudar a pergunta.”

Professora: “Então o que devia melhorar?”

A7: “Fazer mais perguntas.”

(...)

Professora: “Qual a tua resposta à 2ª pergunta A5?”

A5: “Coloquei todas”.

Professora: “Porquê?”

A5: “Porque aprendi todas. A fazer tudo.”

(...)

Diário reflexivo

Este excerto do diálogo realizado após o preenchimento da ficha mostra as respostas dadas por alguns dos alunos em determinados pontos, nomeadamente: a opinião acerca da importância da tarefa que estavam a realizar; o que aprenderam; como aprenderam; o que aprenderam melhor; o que ainda não aprenderam muito bem; e sugestões para melhorar as tarefas/ aprendizagens) mas essencialmente é importante esta conversa sob o ponto de vista da consciencialização que os alunos apresentam face às atividades realizadas e à partilha de ideias e opiniões.

Quando terminaram de preencher a ficha, utilizei o projetor com o intuito de, com as questões projetadas, discutíssemos e partilhássemos as opiniões uns dos outros, enriquecendo assim a tarefa.

ENTREVISTA **O que aprendi...**

Coloca uma ou mais cruzes nas opções que considerares mais adequadas.

1. O que aprendi sobre a planificação de uma entrevista?

Aprendi que tenho de saber para que é que vou realizar a entrevista (finalidade). ☒

Aprendi que tenho de organizar as perguntas que vou fazer. ☒

Aprendi que posso fazer perguntas de diferente tipo (abertas, fechadas). ☒

O que aprendi melhor foi: Organizar todas as perguntas.

O que não aprendi muito bem foi: A fazer perguntas de modo a que não sejam sempre fechadas.

Figura 15- Exemplo de uma resposta

O aluno que preencheu a ficha aqui presente, selecionou todas as opções, destacando entre estes a que aprendeu melhor e a que não aprendeu muito bem.

Como aprendi...

Responde com Sim ou Não...

11. Como aprendi nas aulas...	Sim	Não
Com as explicações/ajudas da professora.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com as explicações/ajudas dos meus colegas do meu grupo.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com as minhas explicações para os meus colegas.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Entrevistando os colegas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Com as fichas de trabalho.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. Poderia ter aprendido melhor se...	Sim	Não
Estivesse com mais atenção à professora e aos colegas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colaborasse mais com o meu grupo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participasse mais nas tarefas propostas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ouvisse e respeitasse a opinião dos outros	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Me deixassem colaborar mais no grupo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Utilizasse outras estratégias para trabalhar em grupo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tivesse oportunidade de ser eu a escolher os elementos do grupo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

13. Em geral, a auto-avaliação que faço da minha aprendizagem nestas aulas é ...

Não Satisfaz ☐

Satisfaz ☐

Satisfaz Bastante ☒

Excelente ☐

Figura 16- Exemplo da grelha de autoavaliação preenchida – Como aprendi...

Para enriquecer a minha análise, fiz um balanço estatístico das respostas dadas pelos alunos em cada uma das questões, e que se apresentam abaixo. Este inquérito estava organizado para que os alunos registassem, em dois momentos distintos, o que aprenderam e o como aprenderam. Face a isto, subdividiu-se o que aprendi em dois momentos de aprendizagem, a entrevista e a reportagem. Em cada um dos tópicos constam 5 questões, sendo que as três primeiras eram mais específicas (avaliação nos conteúdos), a penúltima era generalista (avaliação global) e a última estava apresentada de forma aberta para que os alunos se expressassem face às aprendizagens.

Este estudo apoiou-se em 12 fichas de autoavaliação recolhidas, por forma aperceber e avaliar o impacto das estratégias utilizadas, quer na consciência que os alunos desenvolveram acerca das suas aprendizagens, quer sobre o que aprenderam quer sobre como aprenderam.

ESTUDO DOS DADOS	ENTREVISTA	Número de Respostas obtidas pelos alunos (12 alunos)
O QUE APRENDI	1. O que aprendi sobre a planificação de uma entrevista? Aprendi que tenho de saber para que é que vou realizar a entrevista (finalidade) Aprendi que tenho de organizar as perguntas que vou fazer. Aprendi que posso fazer perguntas de diferente tipo (abertas e fechadas)	12 12 12
	2. O que aprendi sobre a realização de uma entrevista? Aprendi que a entrevista se pode fazer com a participação de diferentes pessoas com diferentes funções (quem pergunta; quem toma nota; quem tira fotografias ou filma). Aprendi que isso tem de se preparar antes da realização da entrevista. Aprendi que é necessário falar de uma maneira clara e pausada. Aprendi que é necessário estar com atenção para poder fazer outras perguntas.	11 9 12 12
	3. O que aprendi sobre a transcrição de uma entrevista? Aprendi que tenho de escrever todas as palavras que são ditas. Aprendi que tenho de pontuar as frases e ter em atenção os erros ortográficos.	12 10
	4. Através das atividades que fiz, considero que: (escolhe apenas uma opção) Comecei a aprender a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (eu antes não sabia nada).	4
	Ainda não aprendi a planificar, realizar e transcrever bem uma entrevista (eu já sabia algumas coisas mas tenho que saber mais porque não é suficiente).	3
	Aprendi a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (sabia fazer mas agora sei fazer melhor).	5
	Não aprendi nada de novo sobre como planificar, realizar e transcrever uma entrevista.	0

Tabela 3- Estatística das respostas dadas por 12 alunos - o que aprendi – Entrevista

ESTUDO DOS DADOS	REPORTAGEM	Número de Respostas obtidas pelos alunos (12 alunos)
O QUE APRENDI	6. O que aprendi sobre a planificação de uma reportagem? Aprendi que tenho de saber para que é que vou realizar a entrevista (finalidade). Aprendi que tenho de escrever um texto (que depois é lido na reportagem oral). Aprendi que tenho de selecionar a informação mais importante (que já está recolhida). Aprendi que tenho de organizar a informação que vou incluir e construir um plano.	11 9 11 11
	7. O que aprendi sobre a escrita de uma reportagem? Aprendi que tenho de transformar o plano num texto escrito. Aprendi que tenho de fazer a revisão do texto escrito para depois ser lido.	11 10
	8. O que aprendi sobre a edição oral de uma reportagem? Aprendi que tenho de conhecer bem o texto escrito. Aprendi que tenho de ler bem o texto escrito para fazer a gravação. Aprendi que tenho de ler devagar e com boa dicção.	11 11 11
	9. Através das atividades que fiz, considero que: (escolhe apenas uma opção) Comecei a aprender a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu antes não sabia nada).	5
	Ainda não aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu já sabia algumas coisas mas tenho que saber mais porque não é suficiente).	5
	Aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (sabia fazer mas agora sei fazer melhor).	2
	Não aprendi nada de novo sobre como planificar, escrever e gravar uma reportagem oral.	0

Tabela 4- Estatística das respostas dadas por 12 alunos - o que aprendi – Reportagem

ESTUDO DOS DADOS	ENTREVISTA E REPORTAGEM Número de respostas obtidas pelos alunos		
COMO APRENDI	11. Como aprendi nas aulas...	Sim	Não
	Com as explicações/ajudas da professora	12	0
	Com as explicações/ajudas dos meus colegas de grupo	12	0
	Com as minhas explicações para os colegas	10	2
	Entrevistando os colegas	6	6
	Sozinho	0	12
	Com as fichas de trabalho	12	0
	12. Poderia ter aprendido melhor...	Sim	Não
	Estivesse com mais atenção à professora e aos colegas	12	0
	Colaborasse mais com o grupo	12	0
	Participasse mais nas tarefas propostas	11	1
	Ouvisse respeitasse a opinião dos outros	10	2
	Me deixassem colaborar mais no grupo	7	5
	Utilizasse outras estratégias para trabalhar em grupo	12	0
	Tivesse oportunidade de ser eu a escolher os elementos do grupo	3	9
	13. Em geral, a autoavaliação que faço da minha aprendizagem nestas aulas é...		
	Não Satisfaz	0	
	Satisfaz	6	
	Satisfaz Bastante	6	
	Excelente	0	

Tabela 5- Estatística das respostas dadas por 12 alunos – Como aprendi?

Verifiquei que os alunos selecionaram quase todas as opções referentes às aprendizagens construídas sobre a entrevista, demonstrando assim que foram produtivos e significativos os diferentes momentos de aprendizagem no decorrer de todo o processo.

À questão generalista deste tópico- “Através das aprendizagens que fiz, considero que:”, os alunos distribuíram as suas respostas por três das hipóteses possíveis, sendo que cinco alunos responderam que “Aprendi a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (sabia fazer mas agora sei fazer melhor)”, três alunos responderam “Ainda não aprendi a planificar, realizar e transcrever bem uma entrevista (eu já sabia algumas coisas mas tenho que saber mais porque não é suficiente)” e quatro alunos responderam “Comecei a aprender a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (eu antes não sabia nada)”.

Com base em todo o trabalho realizado em volta do projeto, estava à espera que a maioria dos alunos respondesse “Comecei a aprender a planificar, realizar e transcrever uma entrevista (eu antes não sabia nada)”, pois penso que, de acordo com o que havia sido apurado no início, através de uma conversa com a professora titular (não com os alunos), os alunos iniciaram, com este projeto, o estudo da entrevista com a dimensão linguística aqui associada. Contudo, penso que os alunos se apoiaram mais na informação que estava entre parênteses (argumentando eles desta forma no diálogo de partilha de aprendizagens). Por outro lado, alguns dos alunos já tinham sido entrevistados, pelo que compreendo agora que o projeto partiu das ideias que eles já tinham construído para si sobre o assunto, e não do ‘nada’ como tinha erradamente suposto.

Relativamente à reportagem, posso referir que os alunos, comparativamente à entrevista, foram mais “poupados” na seleção das suas aprendizagens, ou seja, não selecionaram todas as opções nem de uma forma tão homogênea. Penso que este resultado se deve ao tempo e à exigência que este trabalho obrigou, o que não tem de ser visto de forma negativa; muito pelo contrário, mostra que seria necessário prosseguir e/ou repetir o ciclo de escrita.

À questão generalista deste tópico- “Através das atividades que fiz, considero que:”, os alunos distribuíram as suas respostas por três das hipóteses possíveis, sendo que cinco alunos responderam que “Ainda não aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu já sabia algumas coisas mas tenho que saber mais porque não é suficiente)”, cinco alunos responderam “Comecei a aprender a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu antes não sabia nada)” e dois alunos responderam “Aprendi a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (sabia fazer mas agora sei fazer melhor)”. À semelhança do que aconteceu na mesma questão sobre a entrevista e com base em todo o trabalho realizado em volta do projeto, estava à espera que os alunos respondessem “Comecei a aprender a planificar, escrever e gravar uma reportagem oral (eu antes não sabia nada)”, pois pensava que, de acordo com o que tinha apurado no início, os alunos iniciaram, com este projeto, o estudo da reportagem com a dimensão linguística aqui associada. Contudo, penso que os alunos se apoiaram, novamente, na informação que estava entre parênteses (argumentando eles desta forma no diálogo de partilha de aprendizagens).

Na última tabela, como aprendi, os alunos maioritariamente revelaram-se de acordo com a forma como aprenderam, mas esta parte, de carácter mais pessoal (pois refletem sobre o seu trabalho individual e em equipa), demonstra a consciência que os alunos têm face às suas atitudes e contributos para a progressão do trabalho em equipa (escutar e respeitar a opinião dos outros; participar e colaborar com o grupo...).

A última questão é relevadora do excesso de confiança e/ou modéstias por parte de alguns alunos, sendo que alguns referem que aprenderam muito (Satisfaz Bastante), mas que na realidade pouco contribuíram no decorrer das tarefas, mas o contrário também se verificou.

Os alunos fizeram um balanço final positivo acerca da forma como aprenderam, que acabaram por partilhar no momento de discussão, quando lhes perguntei “O que aprenderam e como aprendera com isto tudo?”:

A9: *“Com esta tarefa percebi as dificuldades dos meus colegas.”*

A7: *“Num outro trabalho já sei que tenho que ajudar mais a A12.”*

A13: *“Se fizéssemos outra vez deixava os outros colaborar mais!”*

A15: *“Era muito difícil fazer este trabalho sozinho.”*

A7: Aprendemos a trabalhar melhor em grupo.”

A4: “Deixar os outros dar a sua opinião...respeitar.”

Diário reflexivo- 31 de janeiro de 2012

Face a isto, é notória a importância da autoavaliação nos alunos, a partilha das suas opiniões dando a conhecer o que os outros sentem.

O meu projeto apoiou-se essencialmente na área curricular de Língua Portuguesa, contudo, acredito que os alunos não desenvolveram competências somente neste âmbito, pois esta área esteve sempre inter-relacionada com outros aspetos e outros temas, nomeadamente a Cidadania, desenvolvendo nos alunos o espírito colaborativo e de entreajuda (respeito pelo outro), partilhas de ideias (trabalho de grupo), maturidade, responsabilização e autonomia que demonstraram durante todo o processo (empenho e esforço).

No decorrer de todo o percurso de trabalho foram notórios o empenho e a evolução de todas as crianças nas tarefas que realizavam, pois de aula para aula mostravam conhecimentos novos adquiridos tentando sempre melhorar, aplicando-os. Na maioria dos casos, e dada a complexidade destes conteúdos (planificação; elaboração de uma entrevista e reportagem-textualização; e revisão), posso dizer que todos os alunos trabalharam muito fazendo um balanço final muito positivo, pois os alunos foram construindo o seu próprio conhecimento, seguindo tudo uma lógica de aprendizagens.

6.CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1.Reflexão acerca do processo investigativo

Refletindo acerca de todo o processo investigativo, é importante retomar a citação de John McKernan (1998) cit. por Esteves (2008:20), na qual se baseou a minha prática:

“Investigação-ação é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático- primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano acção -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção do problema. A avaliação é efectuada para verificar e demonstrar a eficácia da acção realizada. Finalmente, os participantes reflectem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-acção. Investigação- acção é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática.

Com isto, é importante referir que através desta prática esteve presente não só a minha aprendizagem enquanto professora, mas também a aprendizagem dos alunos.

6.1.1. A aprendizagem do aluno

Como referi anteriormente, todo o estudo envolveu dois projetos que estavam diretamente e indiretamente ligados à vida diária das crianças, pois foi realizado um conjunto de tarefas/ atividades que se apoiava maioritariamente na vida social das mesmas, ou seja, não era somente um conjunto de “conteúdos” escolares obrigatórios, mas sim um conjunto de partilhas de vivências pessoais quer com a família, quer com a comunidade em geral. Assim sendo, este estudo surgiu, em primeira instância, dos interesses das crianças facilitando desta forma a familiarização quer com os temas apresentados, quer com os conteúdos estudados e com as tarefas propostas.

Com este projeto, os alunos aprenderam que existem diferentes géneros discursivos e que estes têm de ser adaptados e adequados ao contexto/ pessoa a quem se dirige, colocando esse saber em prática na elaboração e realização da entrevista e da reportagem.

Os alunos desenvolveram variadas capacidades, quer na construção pessoal, quer na construção de relações entre pares, ou seja, estas crianças aprenderam a serem melhores cidadãos respeitando-se a si mesmos e aos outros, promovendo momentos de ajuda e partilha com os outros. Aprenderam mediante leitura de histórias, dramatizações, criação de textos, cartas, e também com a realização de entrevistas e de uma reportagem.

As leituras de histórias, dramatizações, criação de textos, basearam-se maioritariamente no âmbito do projeto “Educar para a Cidadania”, com a intenção de confrontar os alunos com a moral destas histórias; levá-los a representar e interpretar papéis distintos na sociedade; e criar outros pontos de vista, por forma a consciencializá-los acerca das nossas ações/práticas enquanto humanos para com a sociedade.

Durante estas intervenções eram variados os comentários dos alunos, que espelhavam o que referi anteriormente. É notável a consciencialização por parte das crianças, face às tarefas que foram desenvolvendo.

Entrevista e Reportagem:

A6: *“Devemos respeitar os mais velhos! (idosos)”*

A7: *“A visita foi importante porque já sabemos as dificuldades que vamos ter quando formos idosos...não vamos conseguir andar muito bem!”*

A8: *“Uma senhora disse-me que era muito importante visitarmos os idosos porque muitos deles não têm visitas...!”*

A9: *“Não estávamos habituados a falar daquela maneira”*

A17: *“Temos de ter atenção à forma como falamos, pois não conhecemos as pessoas!”*

Diário reflexivo

Foi neste contexto que emergiram e se desenvolveram as aprendizagens específicas acerca da entrevista e da reportagem. Os alunos desenvolveram competências (experimentando) ao nível da planificação de uma entrevista/reportagem; da edição e reformulação mediante as dificuldades que foram sentindo- criação de textos; e da realização de uma entrevista/reportagem, vivenciando e experimentando diversos papéis.

Durante as intervenções, foi notória a consciencialização dos alunos perante o que estavam a aprender, pois estes demonstraram outras competências, quer no cuidado que têm de ter face à adequação da linguagem/ dirigir-se oralmente a alguém- mostrando uma grande preocupação no decorrer das tarefas: “Posso dizer assim...?”, “Há outra forma de dizer?”, “Como devo dizer? ...”, quer à necessidade de enriquecerem os seus textos, melhorando de etapa em etapa (adequar a forma de falar, selecionar temas de interesse, formular questões, etc), quer na responsabilidade

da concretização das tarefas (preparação, revisão e realização). Todos os alunos se envolveram e empenharam para obterem o objetivo comum, demonstrando que estavam agradados com o que estavam a realizar e a aprender.

À medida que construíamos os textos (quer para a entrevista quer para a reportagem), os alunos perceberam a importância de enriquecerem e melhorarem progressivamente os seus textos, pois novos dados de interesse eram introduzidos ajudando-os a melhorar os textos para obterem um bom produto final

Paralelamente a isto, e porque durante todo o processo/ projetos os alunos trabalharam em grupo, foi notória a evolução da interação entre eles, mostrando-se no final muito mais autónomos e dinâmicos, revelando-se nos trabalhos por eles produzidos. Eles tinham a consciência do seu papel no grupo, pois sabiam o que faziam, porque faziam, quem ajudava/cooperava, quem devia melhorar e justificavam, ou seja, eles aprenderam a promover o espírito colaborativo, respeitando a opinião dos colegas, a partilha de ideias e a ajudar outros colegas, mais retraídos, na participação do trabalho para que todos contribuíssem para o objetivo comum (encontraram as suas próprias estratégias de resolução, organizaram e geriram as ideias uns dos outros).

No final, destaco a importância da aula de autoavaliação, onde as opiniões dos alunos foram ouvidas e partilhadas, conhecendo assim os alunos a opinião uns dos outros e dificuldades sentidas por todos, ajudando-os em intervenções/trabalhos futuros. Os alunos, nesta aula, para além de refletirem acerca do que aprenderam e de como aprenderam, conheceram também as aprendizagens dos colegas e fizeram a sua autocrítica e tiveram também a oportunidade de criticarem o trabalho dos colegas, quer positiva quer negativamente. Esta aula tornou-se no ponto fulcral de todo o processo a meu ver, pois a intenção de todo o processo de aprendizagem é a promoção da autonomia dos alunos e, de facto, este momento mostrou isso.

Algumas opiniões dos alunos que demonstram o que mencionei anteriormente:

O que aprendi:

A7: “Não sabíamos como começar... primeiro tínhamos que fazer uma planificação...Púnhamos as dificuldades e ao lado a explicar o que era e como fazer melhor...”

A11: “Aprendi melhor a escrever as palavras que são ditas.”

A 13: “Esta ficha é importante porque ajuda-nos a relembrar o que fizemos até aqui!”

A 13: “Nós só púnhamos perguntas de resposta sim e não.”

A7: “Não aprendi muito bem a fazer perguntas abertas, são difíceis. Antes só fazia fechadas.”

A15: “Eu no início achava confuso, não sabia como realizar a entrevista, para que servia.”

Como aprendi:

A7: *“Aprendemos a trabalhar em grupo...cada um dava uma ideia e depois discutíamos as ideias todas.”*

A9: *“Pus satisfaz porque não colaborei muitas vezes.”*

A13: *“Se fizéssemos outra vez deixava os outros colaborar mais.”*

A15: *“Eu coloquei satisfaz. Porque devia ter deixado A12 e a A5 falar mais.”*

Diário reflexivo- 31 de janeiro de 2012

O resultado obtido, na autoavaliação, foi muito compensador, pois apesar de nem todos os grupos obterem os mesmos resultados, trabalhando uns melhor que outros, todos eles entenderam a importância do trabalho colaborativo, em equipa, trabalhando todos para um objetivo comum.

Alguns comentários que refletem o empenho, entusiasmo e consciencialização acerca dos conteúdos estudados nos alunos:

A13: *“Aprendemos muitas coisas sobre a entrevista e a reportagem. Se fossemos a fazer agora fazíamos muito melhor.”*

A2: *“Podíamos fazer outra vez tudo, mas agora sobre a nossa freguesia, para o estudo do património.”*

A10: *“Já sabemos fazer melhor uma reportagem.”*

A7: *“Aprendemos a colaborar mais em grupo e a ser amigos uns dos outros.”*

A9: *“Quando todos ajudam o trabalho final é melhor!”*

A13: *“Aprendi que as ideias dos outros também podem ser boas ideias.”*

A15: *“Mais cabeças a pensar é melhor... há mais ideias para o trabalho.”*

A16: *“Ao trabalhar em grupo, aprendi a ter mais ideias.”*

Diário reflexivo- 31 de janeiro de 2012

De acordo com os objetivos do projeto, penso que os alunos aprenderam a ser mais autónomos; a aplicar os seus conhecimentos e a aprender com os outros; a partir das suas produções iniciais, intermédias e finais, refletindo-se nos produtos finais; e aprenderam a ser reflexivos, ou seja, a pensarem acerca *do que foi feito, porque foi feito, como foi feito e para que foi feito*, demonstrando uma grande maturidade autocrítica, na grande maioria dos casos. Com isto, os alunos tomaram consciência do processo na medida em que foram eles próprios que identificaram as suas características de desenvolvimento, quer isto dizer que foram estes que mencionaram as suas aprendizagens e dificuldades; a motivação e empenho face às atividades

propostas; o seu desenvolvimento no decorrer do processo (“fiz bem x”, “fiz mal y” e “podia ter feito melhor z”); e a sua colaboração para que o trabalho em grupo fosse produtivo, fazendo-os refletir sobre eles, sobre os outros e sobre o processo, enumerando sugestões que poderiam ter sido aplicadas pelo professor para aprenderem melhor em x, y e z.

6.1.2. A aprendizagem do professor

Debruçando-me agora na minha aprendizagem enquanto professora, com base nos dois projetos que tive oportunidade de implementar, posso começar por referir que todo este processo me ajudou a crescer quer pessoal quer profissionalmente.

Desta forma, começo por referir a questão e os objetivos de intervenção do meu projeto, **“Como promover o alargamento das competências linguísticas, orais formais, nos alunos?”**, pois de facto era onde incidiam todas as minhas preocupações. Os objetivos investigativos que orientaram este trabalho foram: promover a aprendizagem consciente de dois géneros textuais implicados nas competências específicas da compreensão e da expressão oral formal, nomeadamente o da entrevista e o da reportagem; identificar o impacto das estratégias pedagógicas no alargamento das competências linguísticas dos alunos, em duas situações orais formais: entrevista e reportagem; e identificar o impacto das estratégias pedagógicas na consciencialização dos alunos acerca dos géneros linguísticos estudados: entrevista e reportagem. Através dos estudos por mim realizados em volta da temática, e seguindo o plano de atividades desenhado, com o decorrer do desenvolvimento do projeto fui dando resposta à minha questão tentando alcançar os objetivos esperados.

Com isto, aprendi a melhorar as minhas ações; a adquirir uma nova atitude face a determinadas situações, por exemplo, a tentar não ser expositiva e “descer” mais ao nível das crianças (ao nível linguístico); a ultrapassar dificuldades; e a relacionar-me com os outros (professor- professor; professor- alunos; professor- comunidade). Aprendi também que o professor tem um papel fundamental nas aprendizagens dos alunos, da forma como as promove e orienta. O papel do professor- mediador é importante, mas essa mediação deve ser cuidada, para não cometer erros. Desta forma, o professor não deve ser expositivo, depositando os conteúdos que sabe aos alunos; mas sim deixá-los construir as suas próprias aprendizagens, dando-lhes voz, e perceber as suas necessidades e gostos, para que assim as aprendizagens sejam significativas. Por outro lado o professor-mediador deve ser capaz de ajudar/orientar os alunos nessa construção de conhecimentos, e não esperar que respondam a algo que eles não são capazes de aprender sozinhos, deixando-os por vezes desorientados. Esta situação aconteceu no decorrer da PES, talvez devido à minha escassa experiência profissional, sentindo

por vezes a necessidade de conhecer melhor os alunos (caraterísticas pessoais, gostos e interesses, e ritmos de trabalho) e de “dominar” determinados conteúdos, esquecidos no tempo. Referente a isto, é importante mencionar que todo este processo de ensino e aprendizagem contribuiu para a clarificação e alteração de algumas conceções que tinha acerca destas temáticas/conteúdos, mas essencialmente na língua portuguesa, sendo esta a “base” de sustentação do meu projeto. Refiro isto na medida em que, para se trabalhar um conteúdo, não chega olhar para o programa escolar e “vamos falar de x”, sendo necessário estudar muito bem esse conteúdo e pensar numa forma de integrar inúmeros/outros conteúdos, tornando esses momentos mais enriquecedores e proveitosos nas aprendizagens dos alunos. Para isto é necessário sabermos fazê-lo, e isso era o que inicialmente me “prendia” na minha prática: “mas como é que eu vou fazer isto?”. Inicialmente pensava de uma forma, e agora, depois desta experiência, verifico que o professor, para ser um “bom” professor, deve estar em constante formação e experimentação, quero com isto dizer que, como profissional, devo instruir-me para que assim consiga dar resposta às necessidades dos alunos, cujos interesses, com o decorrer dos anos, se vão alterando, tendo “eu professora” que me adaptar não somente ao aluno e seus interesses, como também às caraterísticas sociais e evolução de gerações.

Aprendi que é fundamental a relação estabelecida entre professor-aluno, para que esta interação seja respeitada por ambas as partes, por um lado o professor perceber e aceitar o ritmo de aprendizagem do aluno, e por outro o aluno recorrer e ver no professor a forma de aprender, mostrando ser capaz de o fazer, mas a um ritmo diferente.

Com isto, aprendi a respeitar o ritmo de trabalho de cada aluno para construírem os seus conhecimentos, pois quando os alunos não mostram confiança no que aprendem, não querendo participar, o professor deve refletir sobre a sua prática e voltar atrás se necessário, para ajudar estes alunos nas aprendizagens significativas.

Por vezes existiram momentos em que os alunos não participavam, não falavam, e eu pensava que poderia querer dizer pelo menos três coisas, ou que não aprenderam (não sabiam), ou porque não gostavam do que estavam a fazer, ou porque não compreendiam o que estava a ser trabalhado. Aprendi desta forma que é extremamente importante que o professor não ignore o facto de o aluno não participar, que deve falar com o aluno e perceber, qual a dificuldade e/ou desinteresse face à situação vivida.

Por outro lado, aprendi que o professor tem de estar sempre preparado para avançar com o momento de aprendizagem alterando, se necessário, a estratégia inicialmente adotada. Com isto aprendi que os professores antes de iniciarem qualquer aula têm de ter bem presente na sua cabeça os objetivos da tarefa que está a propor aos alunos, pois, de outra forma, o professor não

vai conseguir adaptar a aula às necessidades exigidas pelos alunos, se o professor tiver que alterar o que inicialmente tinha pensado. Com efeito, uma das minhas dificuldades, por vezes, foi a de identificar os objetivos e a finalidade de cada tarefa, refletindo-se nas planificações iniciais que realizava, pois continham muitos mais objetivos do que aqueles que realmente eram trabalhados. Com a ajuda da professora cooperante fui melhorando e focando-me mais nos meus objetivos. Também no final das atividades, verificava que as planificações eram apenas um suporte de apoio, pois acabavam sempre por ser alteradas e melhoradas.

Também neste percurso aprendi a aprender, ou seja, aprendi que para além de colocar algo em prática é também importante a reflexão que se faz sobre a mesma, ajudando-me a melhorar progressivamente as minhas ações, recorrendo a novas estratégias e métodos que contribuam para a construção de momentos de aprendizagem mais significativos para os alunos. Senti uma enorme dificuldade na articulação da componente teórica da licenciatura com a prática, pois a teoria era muito superficial e abstrata. Contudo, aprendi a procurar de novo essas aprendizagens e aplicá-las.

Agora que me encontro a refletir acerca do processo e percurso pelo qual passei, penso que é fundamental (qualquer professor) pensar no que foi feito- “O que fiz?”, porque foi feito- “Porque fiz?”, como foi feito- “Como fiz?” e para que foi feito- Para quê?”, pois não foram somente os alunos os intervenientes do processo de aprendizagem, eu também fui um interveniente em aprendizagem e também passei pelo mesmo processo de reflexão: “eu fiz x, y e z... mas podia ter feito x de outra forma”, “não consegui ajudar os alunos a aprender y”, “o que fazer para melhorar?”, “como poderia ensinar y?”.

Relativamente à promoção do trabalho em grupo, estava um pouco reticente, visto que esta prática em sala de aula poderia causar algum distúrbio ao nível sonoro, levando a que os alunos estivessem em constante brincadeira. Mas de facto, uma das grandes aprendizagens que retiro de toda esta prática está na forma como os alunos aprenderam uns com os outros.

Inicialmente, senti que havia alguns alunos que se apoiavam no restante grupo, esperando pelos resultados produzidos pelos colegas, não participando ou participando ocasionalmente, mas com a partilha de opiniões constantes e feedback dos colegas essas situações foram desvanecendo.

Inevitavelmente, em grupos, existe um aluno que se destaca e assumindo este esse papel de “líder” ou porta-voz, ganha conforto para dizer:

A6: “Só eu e o A10 é que dávamos as ideias. A A3 estava sempre a distrair os colegas.”

A7: “A A12 devia falar mais...!”

A9: “Às vezes o A8 e A17 estavam a conversar, estavam desatentos e não ajudavam o grupo”.

A13: “O A16 estava sempre com a cabeça na lua.”

Diário reflexivo- 31 de janeiro de 2012

6.2.Limitações e Recomendações

Durante o todo processo de Investigação-ação foram várias as questões que me coloquei. Numa fase inicial, questionava-me acerca:

- “Como vou conseguir promover a minha prática profissional?”
- “Como vou gerir o período de estágio com o período de investigação?”
- “Será o tempo destinado para a PES suficiente para todo este processo?”
- “Vou conseguir refletir e investigar em simultâneo?”

Foram variadas as dúvidas e as questões que surgiram na minha cabeça durante este período. Contudo, penso que estas questões foram esquecidas no decorrer da PES.

6.2.1.Limitações

A principal limitação residiu no fator *tempo*. Embora tenha existido uma grande “ginástica” neste âmbito por parte da professora cooperante, penso que o período destinado para a PES é escasso. Sinto que me deram as oportunidades possíveis para experimentar, para colocar em prática algumas tarefas, mas dadas a carga de trabalho e as exigências curriculares não fiz nem vi tudo o que precisava para a minha formação.

Também no início da prática, nas duas primeiras semanas, enquanto procurava identificar uma problemática na turma, senti que o tema que tinha escolhido era um pouco difícil (no âmbito da linguagem oral formal- géneros discursivos – entrevista e reportagem), pois somente com a ajuda da supervisora conseguiria desenvolver tal problema, tratando-se de uma temática complexa para mim (apresentando pouco domínio em volta do mesmo), mas encarei como um desafio, o qual foi muito vantajoso e proveitoso para mim, que me instruiu neste sentido.

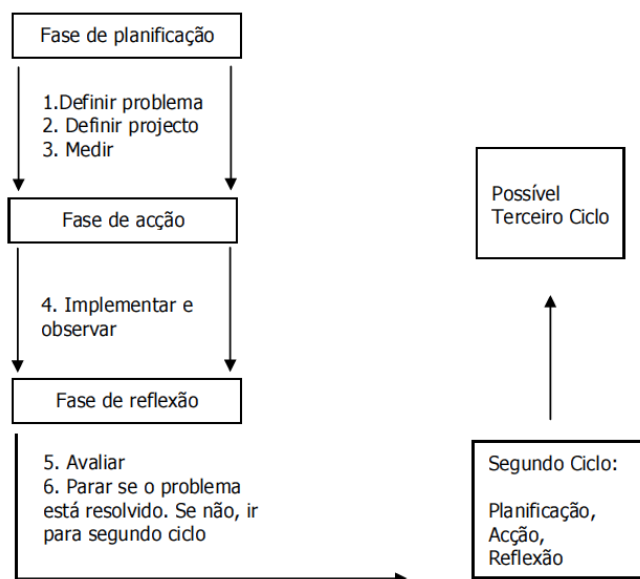
Senti que evolui neste processo e depois de ter bem presente a temática desenvolvi dois bons projetos.

Contudo, uma das minhas grandes dificuldades durante o percurso foram as minhas reflexões semanais. Por vezes, senti que não sabia como registar e o que registar, verificando-se de igual forma na análise dos dados obtidos, na identificação do que era relevante e do que não

era. Mas, com o tempo, fui colmatando algumas das minhas dificuldades/ limitações. Fui evoluindo no sentido de melhorar a minha prática.

6.2.2.Caminhos de intervenção futuros

O processo de Investigação-ação não pressupõe que seja de um único ciclo, passando pela planificação, ação e reflexão, pois todo este processo deve terminar somente quando o problema é resolvido/ desaparece, como mostra a figura:



Esquema 3- “Fases de Investigação-ação apresentada por kuhne, G. W., & Quigley, B. A. (1997). Fonte: Almeida (2005)” (Fernandes, A. M. (2006)).

Assim sendo, se me fosse dada a oportunidade de dar continuidade a este processo, inicialmente teria de ter uma conversa com os alunos de forma a perceber “qual o próximo passo?”, que poderia vir a seguir, de forma a melhorarem as suas aprendizagens, e posteriormente, tendo em consideração algumas das sugestões apresentadas pelos alunos desenhar/conceber um novo plano de intervenções.

Paralelamente a estas sugestões, teria de ter também em atenção as dificuldades apresentadas pelos alunos, e assim encontrar novas atividades focadas nessas mesmas dificuldades para que estas sejam ultrapassadas. Muito provavelmente, neste momento, e aproveitando o estudo que os alunos estão a fazer no âmbito do conhecimento do património, poderiam pensar numa intervenção semelhante à realizada, com a elaboração e realização de

uma nova entrevista e/ou reportagem, de forma a fazer uma articulação com o currículo e com a comunidade.

Contudo, penso que os resultados que obtive foram positivos, sendo notório a evolução em cada um dos alunos, mas de facto, não são algumas intervenções, realizadas uma única vez, que fazem com que os alunos consigam instruir-se na totalidade, daí achar de todo o interesse a repetição da tarefa inicial, agora com um novo tema, com outros pontos de interesses e outros intervenientes, pois há sempre mais a fazer e a melhorar.

Relativamente ao fator tempo, fica sempre a sensação que algo fica por fazer, ou que algo de diferente poderia ter sido feito, daí este processo se desenvolver por ciclos.

Seguem-se algumas sugestões dadas pelos alunos:

A3: “Podíamos fazer uma nova entrevista!”

A4: “Podíamos fazer um desdobrável, como fizemos na Cidadania.”

A10: “Podíamos andar por Alvelos a entrevistar as pessoas.”

A15: “Podíamos fazer cartazes ou Power Point’s com o que aprendemos.”

A17: “Podíamos trabalhar mais em grupo e depois mostrar aos outros o que fizemos.”

Diário reflexivo- 1 de fevereiro de 2012

De facto, estes alunos, durante todo o processo mostraram ter consciência do que estavam a aprender e de como estavam a aprender, e todas as limitações e dificuldades que tiveram no desenvolvimento do mesmo refletem a necessidade que eles sentiram de voltar a fazer algo neste âmbito. É notável também que as tarefas realizadas foram do interesse e agrado dos alunos, isto devido ao constante empenho que demonstraram assim como as sugestões que deram, apoiando-se na vontade de voltarem a realizá-las. É de realçar também que estes alunos gostavam de trabalhar e gostavam de dar a conhecer os trabalhos que produziam e isso refletia-se na vontade que tinham na vertente de divulgação (organização de eventos-festas, publicações no blog, exposição de trabalhos- cartazes e flyer).

Este processo foi extremamente importante e significativo para mim, e adorava poder dar-lhe continuidade, pois tenho a certeza que iria obter grandes frutos. Encontrei um grande grupo com quem aprendi e trabalhei.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bach, P. (2001). *O prazer na escrita*. Edições Asa.
- Barbeiro, L. & Pereira, L. (2007). Brochura PNEP: *O Ensino da Escrita: A dimensão Textual*. Ministério da educação e Direção-geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Camps, A. (2006). *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Artmed editora
- Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais*. (2001). Ministério de Educação. Departamento da Educação Básica
- Departamento da Educação Básica. (2004). *Organização Curricular e Programas 1º ciclo*.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.
- Fernandes, A. M. (2006). *A Investigação-Ação como metodologia*. In Projeto Ser Mais-Educação para a sexualidade online. (Cap. 3 pp. 1-11) Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Lamb, T. Raya, M. J., Vieira, F. (2007). *Pedagogia para a autonomia na educação em línguas na Europa: Para um quadro de referência do desenvolvimento do aluno e do professor*. Authentik Language Learning Resources.
- Mateus, M. & Cardeira, E. (2007). *O Essencial sobre a Língua Portuguesa: Norma e Variação*. Editorial Caminho.
- Palou, Juli & Carmina Bosch (coords.) (2005). *La lengua oral em la escuela - 10 experiencias didácticas*. Barcelona: Grao.
- Pereira, I. (2010). *O Ensino do Português. Construção de saberes profissionais no contexto do PNEP e do novo programa de português. Vol.1*. Edição Instituto de Educação da Universidade do Minho- Serviço de Publicações.
- Reis, C. Dias, A. P. Cabral, A. T. C. Silva, E. Viegas, F. Bastos, G. Mota, I. Segura, J. Pinto, M. O. (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação
- Szymanski, H. (org), Almeida, L. & Prandini, R. (2008). *A Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. 2ª edição*. Basília: Liber livro Editora Ltda.
- http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=9&id_subtema=4

<http://lpprofessoraelianne.blogspot.pt/2010/03/diferencas-entre-lingua-padrao.html>

<http://proletrapocosdecaldas.blogspot.pt/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAneros_de_textos

http://www.nescolas.dn.pt/index.php?a=kitmedia&p=2_12

http://www.nescolas.dn.pt/index.php?a=kitmedia&p=2_13

8. ANEXO 1- ENTREVISTAS (1ª VERSÃO)

Bom dia, como está? Eu chamo-me [redacted], ele é o [redacted]
e, ela é a [redacted] e aquele é o [redacted]
Como se chama?
Quantas vezes vem visitar o lar?
Sem aqui algum familiar?
O que é que você costuma fazer quando vem visitar os idosos?
Gosta das condições do lar onde o possuem?
Costumam fazer atividades com os idosos? Quais?
Gosta da direção deste lar? É da segurança?
Os idosos nunca reclamaram dos visitantes?
Gosta da comida que se serve no lar?
Quando alguém os vem visitar eles recebem-os bem?
Quando vem ao lar traz alguma coisa para o idoso que vem visitar? O quê?

Grupo Visitante

Bom dia...
Sou o [redacted], este é o [redacted] e aquele é o [redacted]
E você como se chama?
Qual o seu trabalho aqui no lar de idosos?
Gosta do seu trabalho?
Em que turno de tempo trabalha?
A que hora dá este trabalho?
Qual é a parte do dia que gosta mais de trabalhar?
E o que você quer em sua direção?
O que você contribui para o lar de idosos?
Trabalha no mesmo local durante o dia?
Que local especial gosta mais de trabalhar?
Como foi para este cargo?
Qual é o horário de visitas?
Qual é o seu horário?
Que tipo de direção tem o lar de idosos?
Que tipo de idosos tem neste lar?
Há lugares especiais para os visitantes?
Que tipos de funcionários há no lar de idosos?
Gosta de participar no lar de idosos?
Obrigado pela sua colaboração e uma continuação de bom trabalho.

Grupo Direção

Bom dia
 Como se chama?
 Gosta de viver neste lar?
 Gosta dos funcionários?
 Gosta do espaço do lar? Porquê?
 Desejam-me que gostem de coisas? Isto é verdade?
 É comida e boa? //
 O lar está bem seguro?
 O lar tem boa direção?
 Os bombeiros ajudam-me?
 Acha que o lar está bem construído?
 Gosta dos enfermeiros?
 gosta de assistência técnica?
 O lar tem jardim?
 E não sabe que necessita?
 E sim: Gosta de jardim?
 Gosta de teatro?

Os quartos tem boa instalação?
 Recibe visitas?
 Os outros idosos são seus amigos?
 Tem muitos amigos?
 gosta de fazer visitas a outros sítios?
 Constrói coisas?
 O lar tem atividades? Quais?
 E que horas costumam almoçar?
 gosta de aprender?
 gosta de ler?
 E por fim, gostou da entrevista?

Bom dia, eu sou a _____
eu sou a _____, eu sou o _____. Viemos cá fazer
-lhe uma entrevista.

Como é o seu emprego?

O que é que você faz no geral aqui?

O que é que você faz com os idosos?

Gosta de trabalhar aqui?

Gosta do espaço que tem para trabalhar?

As condições de lar, são boas para o seu trabalho? Porquê?

Os idosos gostam da comida que lhes dão?

Gostou de conhecer melhor os idosos?

Já conheceu, neste lar, idosos com capacidades redu-
zidas?

Como é a higiene dos idosos quando é mais ne-
cessário?

Vêm muitos visitantes ver a família e amigos?

Com quem ficam os idosos antes da hora de
almoço? E depois da hora de almoço?

Os idosos gostam de receber visitas?

Quanto tempo trabalha por dia?

Gosta da direção gerida no lar?

O lar tem atividades regulares com os idosos?

O idosos gostam dessas atividades?

Quando um idoso se sente mal, o que fazem?

O que faz a direção para ajudar os funcioná-
rios?

Este lar tem ginásio?

Os idosos vão para lá?

Quando vêm visitantes, eles fazem algo com eles?

Os idosos gostam de exercícios?

Vocês acompanham os idosos nas saídas?

Grupo Funcionária

8. ANEXO 2- ENTREVISTAS (2ª VERSÃO)

Bom dia. Poderemos fazer-lhe uma entrevista?
Quantas vezes da semana vem visitar o lar?
Quantos conhecidos tem cá no lar?
O que costuma fazer quando vem visitar o idoso?
Costuma fazer atividades com os idosos? Quais?
Gosta da direção deste lar? Porquê? É da segurança?
Achou que o lar devia ter mais alguma coisa? O quê?
Gosta da comida que se serve no lar? Qual gosta
mais?
Qual é a sua atitude quando vem visitar os idosos?
Gosta de higiene deste lar? Porquê?

Grupo Visitante

Bom dia. Nós somos da escola EB1/J. Athrelos.
Nós somos a [redacted].
Como se chama?
Como é o seu trabalho?
Gosta do seu trabalho?
Em que espaço no lar gosta mais de trabalhar?
É em que turno gosta mais de trabalhar?
Qual é a sua opinião sobre o lar?
Qual é a sua opinião sobre a responsabilidade?
É só você que está na direção?
É você que escolhe as atividades dos idosos?
Então quem é?
Gosta de estar na direção?
E o que faz na sua cargo?
Qual é o horário de visitas?
É o seu horário?
Que tipo de idosos tem este lar?
Há lugares especiais para visitas?
A que hora é que fecha o lar?
Obrigado por a sua presença

Grupo Direção

Bom dia
 Como se chama?
 É esta a comida do refeitório? Porquê?
 O Lar tem uma direção responsável?
 Acha que o Lar está bem constituído?
 Para si as condições deste Lar?
 Quais são as atividades que está a fazer?
 Pode-nos descrever o jardim?
 Quais os livros que gosta de ler?
 Quais são os cuidados que os funcionários lhe dão?
 Há uma pessoa especial no lar para si?
 De que higiene o lar necessita?

Grupo Idosa

Olá, viemos fazer-lhe uma entrevista.
 Que tipo de funcionário representa neste lar?
 No geral o que costuma fazer no lar de idosos?
 Que tipo de atividades que faz com os idosos?
 Acha que as condições do lar são boas para o seu trabalho? O que melhoraria?
 Os idosos comem bem a comida que lhes dão?
 Antes de vir para aqui respeitava os idosos como respeito agora? O que acha que mudou?
 Como trata os idosos com capacidades reduzidas?
 O que faz quando é necessário ter mais higiene para com os idosos?
 Todos os dias há visitas?

Grupo Funcionária

8. ANEXO 3- ENTREVISTAS FINAIS – PERGUNTAS E RESPOSTAS (transcrições - versão word)

Lar da santa casa da misericórdia

Entrevista ao visitante

Entrevistador: Bom dia! Somos da escola EB1\JI Alvelos, pedimos a sua colaboração para uma entrevista para um trabalho que estamos a desenvolver sobre a cidadania.

1. Como se chama?

Maria da Gloria Pereira Gomes.

2. Quantas vezes por semana vêm visitar o lar?

Ah! Minimamente 3 vezes.

3. Quantos conhecidos tem no lar?

Quantos conhecidos? Tenho 1 a minha sogra.

4. O que costuma fazer quando vem visitar o idoso?

Trazer – lhe algo um miminho e fazer – lhe um pouco de companhia que faz bem.

5. Se pudesse sugerir algo diferente para o lar o que sugeria?

Algo diferente? Acho que está muito bom, acho que está muito bem.

6. Sabe porque é que colocaram o idoso que conhece no lar?

Desculpe pode repetir?

Sei. Estava sozinha em casa precisava de muita companhia , e tal decidimos que era a melhor opção deixa – lá aqui, ter a melhor companhia, com acompanhamento ao nível de todos os velhos ,médicos companhia de todos os tratamentos possíveis e necessários,

7. Que importância tem para si um lar?

Que importância tem para mim um lar? Acho que é muito importante visto que é um bem necessário, para os idosos que estão abandonados em casa. Não é? E aqui no lar podem conhecer novos amigos.

8. Pode dizer – nos qual a sua opinião sobre a entrevista?

Qual a minha opinião sobre a entrevista? Correu bem. (Há, há , há, há ,há.).

9. Gostaria de nos perguntar alguma coisa?

Vocês gostam de velhinhos? Gostais? Então têm de vir aqui mais vezes , fazer – lhes companhia que eles gostam muito de crianças, eles gostam muito de miminhos especialmente de crianças. Mais alguma coisa?

Entrevistador: Agradecemos a sua colaboração. Desejamos – lhe boas festas.

Obrigada!

Grupo: A1, A8, A9 e A17

Lar santa casa da misericórdia

Entrevista à Diretora

Entrevistador: Bom dia! Somos da escola EB1/JI De Alvelos.

Pedimos a sua colaboração para um projeto que estamos a desenvolver sobre a cidadania.

1-Como se chama?

Bom dia e Obrigado pela entrevista e pela visita chamo-me Ana Rosa Miranda.

2-Que funções exerceu no lar?

Olha eu sou a diretora técnica deste lar, do lar Dona Leonor.

3-Gosta do que faz ou mudaria alguma coisa?

Gosto, gosto, gosto do que faço, embora nunca esteja satisfeita. Se pudesse ... tento ...haaa...todos os dias melhorarem sempre.

4- E o que faz?

Olha, eu cuido dos idosos (pensa) oriento os serviços a nível de pessoal, haaa... a nível de gestão do material, orçamento obras, oriento e apoio a vida diária do lar, percebes, e garantir um bom funcionamento.

5- Qual o seu horário de trabalho?

O meu horário é das 9h às 1h (13h) e das 2h (14h) às 5h e 30 (17h 30).

6- O que tem em atenção quando planeia alguma actividade?

O que tenho em atenção? Tenho em atenção às pessoas ao tipo de população que tem se são jovens e se são crianças e tento preparar-me para plenamente o que vão precisando para desenvolver a capacidade.

7- Que tipo de actividades desenvolve no lar?

Eu? Eu...Nós no lar desenvolvemos muitas actividades quer a nível criativo quer a nível religioso e quer a nível de formação e tentamos preparar algumas acções de sensibilização tudo vocacionadas e orientado para ele e para a população idosa.

8- Existe algum espaço em especial para as actividades?

Sim é assim nós temos as salas de convívio e de estar em que nós adaptamos às actividades que vamos desenvolver.

9- Acha que o lar tem condições para trabalhar?

Acho que sim embora foi o que te disse ao bocadinho em relação à minha profissão. Nós achávamos que ainda poderia estar melhor. Algumas coisas ainda poderiam estar melhor mas dentro daquilo que é necessário assim mas acho que sim que temos as condições.

10- Gosta de trabalhar mais em equipa ou individual? Porquê?

Eu gosto é assim. Há alturas que temos de trabalhar em individual e outras em equipa mas gosto de trabalhar em equipa. Porque eu acho que é uma mais valia sabes porque eu posso ter uma experiência, possa ter um saber e não ter outro e outro meu colega ter e todos juntos complementar.

11- Para finalizar a entrevista gostaríamos de lhe colocar uma última questão: "que importância tem para si um lar"?

Ora o Lar tem muita importância porque é uma forma de dar resposta às necessidades, à população idosa, que muitas vezes as famílias não conseguem dar, nem sempre, embora... Existe muito aquela mensagem que passa que o Lar é um asilo onde os idosos são despejados, abandonados, e assim,... Hoje em dia esta realidade mudou muito. Antigamente até acontecia um bocadinho que, as senhoras ficavam em casa e até podiam cuidar dos seus familiares, mas após 25 de Abril isto mudou muito. Agora as senhoras, as mulheres todas tem de trabalhar e as famílias também deixaram de viver em casas familiares nas aldeias, junto...haaa... mais zonas de serviço e vieram todos para a cidade, e o que aconteceu ao virem para a cidade... vivem em apartamentos muito pequenos, com escadas, sem condições... O marido, o filho e a nora trabalham. Tem filhos muito mais tarde. Na idade que o avo, na idade que os pais precisam de ajuda ele têm os filhos muito pequeninos, também precisam de ajuda e é muito difícil eles conciliarem cuidar dos filhos, os netos digam, e cuidar dos pais. E, e, e ... depois também agora os idosos vivem muitos mais anos e vivem muitos mais anos dependentes, o que obriga a que esteja alguém com eles permanentemente e, como isso não é possível por todas essas condições que eu disse. De habitação, de falta de disponibilidade pessoal, de terem uma criança pequenina. Isto, surge a necessidade de terem uma resposta que os acolha, que cuide bem delas e, residência. Percebes? Não é um asilo como antigamente, nem que os idosos vão estas abandonadas. Nós todos temos a preocupação. Que o lar seja cada vez mais, o cantinho do

idoso, a sua residência maior do que eles viviam, mas é a sua casinha, a sua casa. Eles estejam em conjunto com os outros e terem todas as suas condições necessárias básicas satisfeitas acaba por ser uma boa resposta o lar. Percebes desde que as famílias também não os esqueçam, não é?! Também procuramos sempre que as famílias se aproximem, apareçam se sintam na instituição para darem mais um apoio também aos idosos. Que é importante. Não é?

12- Qual a sua opinião sobre a entrevista?

Ai, gostei muito. Acho que focaste em termos muito importantes. Acho foi muito bem preparada. Acho que esta muito bem.

13- Gostaria de nos colocar alguma questão?

Gostaria. Gostaria de saber o que vocês... haaaaa... acharam deste dia. Aprenderam alguma coisa. Acharam que foi importante.

A15: Foi importante.

A7: Aprendemos muito porque sabemos as dificuldades que vamos ter quando formos idosos.

Diretora: Isso mesmo.

A7: Não vamos conseguir andar muito bem...

Diretora: Claro.... E, e, e, tu nunca tinhas vindo a um lar? Ou já tinhas vindo? ...

Vocês também não? Nunca tinha vindo a um lar?

Já. Pronto. Já pronto. O que é que acham?

Ai já. Mas. Já tinhas vindo?

Mas tu viste ... pois se quiserem posso mostrar-vos os quartos que vocês não chegaram a ver.

Mas vocês ficaram com a ideia que os idosos aqui até estão bem cuidados, não é?

Então aqui confortáveis, então bem. É importante que vocês transmitam esta mensagem porque muitas vezes há idosos sozinhos com frio e que podiam vir para o lar e , eles não querem vir para o lar porque eles tem medo .

Tem receio que o lar seja assim uma coisa. E é importante que vocês passem às pessoas que o lar é bom quando mais não seja que é importante que as pessoas venham visitar pelo menos para ficarem com. Nós muitas vezes temos peça que há idosos que podiam estar no lar e não estão, porque tem aquela ideia , muito antiga. Aquela imagem negativa antiga e eles ate estavam aqui bem. E , portanto , é importante que vocês como são novos transmitam essa mensagem e , pelo menos dizerem então ... assim o lar está aberto, apareçam lá , vão lá ver. É importante. E quando vocês quiserem, nós também temos muito gosto que vocês venham, tá bem? Mesmo com os vossos pais, quando vocês quiserem, tá bem ?

Obrigada.

De Nada. Obrigada. Foi um Prazer. Obrigada A7.

Grupo: A5, A7, A12 e A15

Lar da santa casa da misericórdia

Entrevista à idosa

Entrevistador: Bom dia! Somos da escola EB1/JI Alvelos. Gostaríamos que colaborasse com a nossa entrevista, para aprendermos mais sobre a cidadania.

1. Como se chama?

M^a de Lurdes.

2. Não se importa de nos dizer a sua idade?

72 Anos.

3. Que tipo de brincadeiras fazia quando tinha a nossa idade?

Jogava cartas, cantinho, e e mesmo à malha.

4. Andou na escola?

Num andei, infelizmente não andei.

Se não porquê?

Porque não deixavam diz que as raparigas naquele tempo não precisavam.

5. Qual era a sua profissão?

Era trabalhar no campo.

6. Tem família?

Não, não! Sou solteira.

7. Qual é a sua opinião sobre o lar? Porquê?

Ai é muito bom tar aqui. Porque estou muito quentinha.

8. Se pudesses mudar alguma coisa o que mudaria?

Eu para mim esta todo bem.

9. Quais as atividades que costuma fazer no lar?

Costumo fazer um bocado de croché.

10.Se pudesse sugerir novas atividades quais sugeria?

Qualquer uma, eu gosto de todas.

11.Costuma sair do lar? Se sim, que locais costuma visitar?

Costumo. Costumo visitar um supermercado e ir às feirinhas.

12.Pode dizer-nos a sua opinião sobre a entrevista?

Aí é que eu não sei responder.

13.Gostaria de nos perguntar alguma coisa?

Só gostaria de perguntar se as meninas se dão todas bem umas com as outras. Se eram todas amigas? E se foram todas alegres?

14.Muito obrigado pela sua disponibilidade.

Desejamos-lhe a continuação de um bom dia.

Muito obrigada e um beijinho.

Grupo: A2, A3, A6, A10 e A11

Lar Santa casa da Misericórdia

Entrevista à Funcionária

Entrevistador: Bom dia, somos alunos da escola de Alvelos e viemos pedir-lhe a sua colaboração para o nosso projeto sobre a cidadania.

Acha possível fazer-lhe uma entrevista para completarmos o nosso projeto?

Funcionário: Sim, acho que sim podes fazer... diz lá então.

1- Qual é o seu nome?

Funcionária: O meu nome? É Maria da Graça.

2- Tem algum dos seus pais a frequentar um lar de idosos (se sim) Onde?

Funcionária: Não, não tenho.

3- Quais são as suas funções no lar?

Funcionária: As minhas funções no lar sou, (aaa) ajudante de lar, serviços gerais, (aaa) apoio as minhas colegas, faço tudo aquilo que está ao meu alcance.

4- Qual o seu horário de trabalho?

Funcionária: O meu horário de trabalho... pego às 8h da manhã e largo às 2h da tarde, estou a trabalhar por turnos.

5- Se pudesse mudar alguma coisa no seu emprego e no seu local de trabalho o que mudaria?

Funcionária: O que eu mudaria? (aaa) Procurava que houvesse mais colaboração entre as colegas, que as colegas se apoiassem mais umas às outras, se ajudassem, que se compreendessem mais (pensar) para podermos fazer melhor.

6- Costuma acompanhar os idosos em algumas atividades? (se sim) Quais?

Funcionária: (aaa) Sim já acompanhei num passeio (aaa) penso que foi a única vez.

7- Acha que as instalações respeitam todas as necessidades dos idosos?

Funcionária: (aaa) Sim eu acho que eles têm boas instalações enfim, pronto estão bem.

8- Quem é o responsável pelos idosos na hora das refeições?

Funcionária: (aaa) O responsável pelos idosos na hora das refeições são as monitoras, a monitora que estiver ao serviço, a Dona Maria José ou a Dona Alice e depois nós funcionárias que os ajudamos que alguns é preciso a gente dar-lhes a comida, estar perto deles e ajudá-los.

9- Quem dá apoio aos idosos com capacidades reduzidas?

Funcionária: (aaa) Somos nós funcionárias não é? Que apoiamos damos o comer tudo aquilo que eles necessitam.

10- O que faz quando algum idoso se sente mal?

Funcionária: Procuramos logo chamar a enfermeira, (aaaa) procuramos ver o que ele tem; (aaaa) o que ele sente; procurar ver se é preciso levá-lo ao hospital.

11- Para finalizar a entrevista gostávamos de lhe colocar uma última questão: Que importância tem para si um lar?

Funcionária: Como, um lar? Tem muita importância. Acho que hoje em dia, cada vez há pessoas, mais pessoas, né? Que vivem sozinhas (aaaa) portanto, se vierem para o lar têm sempre companhia (aaaa) tanto de dia como de noite, têm sempre gente perto deles, quando necessitam, têm sempre todo o apoio, né? E em casa por vezes sozinhos, sem ninguém é um bocado difícil eles aqui têm todo o carinho nosso, damos muito carinho e muito afeto. Eu acho que eles... eu acho que um lar é essencial para essas pessoas que vivem sozinhas, não é?

12- Qual a sua opinião sobre a entrevista?

Funcionária: (riso) A minha opinião? Gostei não é? Da entrevista que me fizeste, gostei muito e acho que nos devemos preocupar cada vez mais com as pessoas, com os idosos, com tudo o que nos rodeia.

13- Acha que deveríamos melhorar alguma coisa nas questões que lhe propusemos?

Funcionária: (Percebeu mal a pergunta: Sim por vezes no ambiente de trabalho melhorar a compreensão...). Sim, acho que sim que está bem.

14- Gostaria de nos perguntar algumas questões?

Funcionária: Não sei...vocês são meninos da escola não é? Estão no 4ºano de escolaridade (fica a pensar) (aaa) ...Não sei, o que posso perguntar. São felizes? Estudam muito? Gostam da

escola? Vocês têm de procurar estudar muito, vocês são a esperança do amanhã... não é? a nossa esperança e devem procurar estudar muito e etc.

Entrevistador: Obrigada pela sua colaboração do nosso projeto.

Funcionária: Adeus, bom dia então.

Grupo: A4, A13, A14 e A16

8. ANEXO 4- TEXTOS PARA REPORTAGEM

Texto visitante

No dia 14 de Dezembro de 2011 fomos visitar o lar dona Leonor da Santa casa da misericórdia.

Nesse mesmo dia entrevistamos a Sr. Maria da Gloria, uma visitante muito simpática e engraçada.

A Maria da Gloria tinha no lar a sua sogra, que ela fazia questão de a vir visitar pelo menos 3 vezes por semana. Ela como gostava muito da sua familiar trazia – lhe um miminho, e fazia – lhe companhia quando a vinha visitar.

No decorrer da entrevista questionamos – lhe acerca do motivo pelo qual é que colocaram a idosa no lar, à qual ela respondeu que estava sozinha em casa, precisava de ter muita companhia e de ter acompanhamento ao nível médico, tratamentos possíveis e necessários.

Perto do fim da entrevista nós perguntamos qual era a sua opinião acerca da importância que um lar. A senhora, nervosa, disse que um lar é muito importante visto que é um bem necessário, para os idosos que estão abandonados em casa.

No final da entrevista ela deu-nos um concelho. *

Texto Direção

No dia 14 de Dezembro de 2011, fomos ao lar D. Leonor da santa casa da Misericórdia. Fomos entrevistar a diretora técnica que se chamava Sra. Ana Rosa Miranda (imagem).

Ela contribuía para um bom funcionamento do lar, orientava os serviços ao nível de pessoal a nível de gestão de material, orçamento de obras. Orienta e apoia a vida diária do lar. Também é ela que planeia as atividades para os idosos, têm em atenção as necessidades deles quer ao nível criativo, a nível religioso e ao nível de formação. Promove também ações de sensibilização vocacionada e orientada para a população idosa.

A diretora técnica deu-nos a entender que o lar é muito importante porque é uma forma de dar resposta às necessidades dos idosos que muitas vezes as famílias não conseguem dar em suas casas. Explicou-nos que antigamente passava a mensagem que os lares eram um asilo onde os idosos eram despejados e abandonados, o que já não acontece tanto nos dias de hoje, pois as famílias não têm tempo, devido aos horários de trabalho, nem condições para cuidarem dos idosos, daí o lar ser uma boa solução pois aqui os idosos tem quem lhes dê apoio e os ajude nas suas necessidades básicas diárias.

Ela pediu-nos para transmitir esta mensagem... que o lar é importante porque proporciona uma vida mais cuidada e confortável para os idosos.

Texto Idosa

O João, o Luís, a Daniela, a Anita, e a Beatriz foram ao lar da santa casa da Misericórdia.

Entrevistamos uma idosa chamada M^a de Lurdes. Esta mostrou-se disponível para ser entrevistada.

Na entrevista à idosa destacou muitos momentos da sua infância. Ela falou sobre as brincadeiras que fazia quando era pequena. Jogava às, ao cantinho e à malha.*

O que foi interessante foi reparar nas brincadeiras de antigamente comparadas com as de hoje em dia. As diferenças que se destacaram foram que antigamente não havia computadores, consolas entre outros brinquedos.

Conclui-se que recentemente há mais tecnologia, oportunidades e brinquedos.

Durante a entrevista também se destacou a vida diária da idosa no lar.

Antigamente a idosa vivia numa casa muito fria, sem condições e sem amigos. Agora vive no lar muito mais quentinha, com condições, com amigos, com segurança e com quem a ajuda no que necessita.*

Texto Funcionária

No dia 14 de dezembro de 2011, fomos ao Lar Santa casa da Misericórdia fazer uma entrevista a uma funcionária de limpeza.

Durante a entrevista a funcionaria foi simpática e respondeu a todas as questões que lhe propusemos.

A Senhora Maria falou connosco acerca do seu emprego e do seu local de trabalho. Ela, procurava que houvesse sempre mais colaboração entre colegas, que se apoiassem mais umas às outras para que pudessem proporcionar melhores momentos de ajuda aos idosos.

Relativamente às condições de trabalho, a funcionária disse que as instalações respeitavam todas as necessidades dos idosos.

Quando lhe perguntamos a sua opinião acerca da importância de um lar, a funcionária disse-nos que hoje em dia há mais pessoas idosas que vivem sozinhas e que ao vir para o lar tem sempre companhia e apoio para o que necessitarem. E que Quando os idosos estão sozinhos em casa é difícil dar-lhes esse apoio, assim, no lar, têm o carinho e afeto que precisam.

8. ANEXO 5- REPORTAGEM FINAL

Título: O Lar visto pelos nossos olhos

(Apresentação)

No dia 14 de dezembro de 2011 “Os Carochinhas” de Alvelos foram visitar o Lar D. Leonor da Santa Casa da Misericórdia.

Nesse mesmo dia, entrevistamos vários membros do Lar, sendo estes a Direção, a funcionária, o Visitante e a Idosa.

(Desenvolvimento: Junção dos textos)

Na entrevista à idosa, esta mostrou-se disponível para responder às questões que lhe propusemos.

Em conversa com a Sra. Maria de Lurdes, destacou muito os momentos da sua infância. Ela falou sobre as brincadeiras que fazia quando era pequena. Jogava às, ao cantinho e à malha.*

O que foi interessante foi reparar nas brincadeiras de antigamente comparadas com as de hoje em dia. As diferenças que se destacaram foram que antigamente não havia computadores, consolas entre outros brinquedos.

Conclui-se que recentemente há mais tecnologia, oportunidades e brinquedos.

Durante a entrevista também se destacou a vida diária da idosa no lar.

Antigamente a idosa vivia numa casa muito fria, sem condições e sem amigos. Agora vive no lar muito mais quentinha, com condições, com amigos, com segurança e com quem a ajuda no que necessita.*

Na entrevista à Direção, conversamos com a diretora técnica que se chamava Sra. Ana Rosa Miranda (imagem).

Ela contribuía para um bom funcionamento do lar, orientava os serviços ao nível de pessoal, a nível de gestão de material, orçamento de obras. Orienta e apoia a vida diária do lar. Também é ela que planeia as atividades para os idosos, têm em atenção as necessidades deles quer ao nível criativo, a nível religioso e ao nível de formação. Promove também ações de sensibilização vocacionada e orientada para a população idosa.

A diretora técnica deu-nos a entender que o lar é muito importante porque é uma forma de dar resposta às necessidades dos idosos que muitas vezes as famílias não conseguem dar em suas casas. Explicou-nos que antigamente passava a mensagem que os lares eram um asilo onde os idosos eram despejados e abandonados, o que já não acontece tanto nos dias de hoje,

pois as famílias não têm tempo, devido aos horários de trabalho, nem condições para cuidarem dos idosos, daí o lar ser uma boa solução pois aqui os idosos tem quem lhes dê apoio e os ajude nas suas necessidades básicas diárias.

Ela pediu-nos para transmitir esta mensagem... que o lar é importante porque proporciona uma vida mais cuidada e confortável para os idosos.

Na entrevista à funcionária de limpeza, esta foi simpática e respondeu a todas as questões que lhe propusemos.

A Senhora Maria da Graça falou-nos acerca do seu emprego e do seu local de trabalho. Ela procurava que houvesse sempre mais colaboração entre colegas, que se apoiassem mais umas às outras para que pudessem proporcionar melhores momentos de ajuda aos idosos.

Relativamente às condições de trabalho, a funcionária disse que as instalações respeitavam todas as necessidades dos idosos.

Quando lhe perguntamos a sua opinião acerca da importância de um lar, a funcionária disse-nos que hoje em dia há mais pessoas idosas que vivem sozinhas e que ao vir para o lar tem sempre companhia e apoio para o que necessitam. Quando os idosos estão sozinhos em casa é difícil dar-lhes esse apoio, assim, no lar, têm o carinho e afeto que precisam.

Também neste dia entrevistamos uma visitante chamada Sra. Maria da Gloria. Ela era muito simpática e engraçada.

Ela tinha no lar a sua sogra, que ela fazia questão de a vir visitar pelo menos 3 vezes por semana. Ela como gostava muito da sua familiar trazia – lhe um maminho, e fazia-lhe companhia quando a vinha visitar.

No decorrer da entrevista questionamos – lhe acerca do motivo pelo qual é que colocaram a idosa no lar, à qual ela respondeu que estava sozinha em casa, precisava de ter muita companhia e de ter acompanhamento ao nível médico, tratamentos possíveis e necessários.

Perto do fim da entrevista nós perguntamos qual era a sua opinião acerca da importância de um lar. A senhora, nervosa, disse que um lar é muito importante visto que é um bem necessário, para os idosos que estão abandonados em casa.

No final da entrevista ela deu-nos um conselho. *

(Conclusão: Opinião)

No fim da reportagem vamos deixar a nossa opinião sobre a experiência que nós tivemos na visita ao Lar.

Achamos que o Lar é uma mais-valia para os Idosos, pois eles têm melhores condições quer ao nível de instalações quer ao nível de higiene, uma melhor segurança, mais conforto, mais carinho e afeto, mais assistência médica.

Nós também sentimos que os Idosos não tem a mesma mobilidade que tinham à tempos atrás, pois estavam dependentes da ajuda de alguém.

Para isso, achamos melhor apresentar dois teatros e um momento musical para alegrar os idosos.

Nós, com esta visita ao Lar, descobrimos as dificuldades que iremos ter quando formos mais velhos.

(Agradecimentos)

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram para a realização deste projeto “Educar para a Cidadania”.

Maria de Lurdes | Ana Rosa Miranda | Maria da Graça | Maria da Glória

E a todos os Idosos e funcionárias do Lar por nos terem recebido.

Associação de Pais.

Decor Ferreira

A todas as professoras (Prof. Helena, Prof. Marisa Pereira, Prof. Margarida, Prof. Marisa)

Dedicatória: Dedicamos este trabalho à Prof. Margarida, Prof. Marisa, Prof. Marisa Pereira e Prof. Helena e a todos os Idosos.

(Assinatura) Reportagem Carochinhas

FIM